



EDITORIAL

A Santa Casa da Misericórdia de Espinho

Espinho foi sempre uma terra de características muito especiais.

Capaz de esforços enormes, quando decide alcançar certos objectivos que considera justos, o espinhense vive o seu dia a dia indiferente ao que se passa à sua volta, tratando cada um da sua vida, sem interesse por problemas comuns, que só o despertam quando o alarme surge, ou porque são sentidos na própria carne ou, então, quando alguém grita e tem a sorte de ser ouvido.

O silêncio fechado sobre o que se passa com a Santa Casa da Misericórdia não significa que os espinhenses estejam dispostos a calar-se e a manter até ao fim a passividade que hoje se nota.

Sabem os que se interessam pelas questões da sua terra quanto custou a erguer a obra que a Santa Casa da Misericórdia edificou em Espinho.

Os médicos dos fins dos anos 30 e dos anos 40, numa altura em que não havia Caixas de Previdência nem remunerações especiais, por mera dedicação, decidiram juntar-se à volta da Santa Casa da Misericórdia de Espinho, no velho casarão da Rua 8, dotando Espinho de um hospital com assistência permanente, que eles prestavam gratuitamente, revesando-se, e de serviços eficientes em quase todos os ramos da medicina.

A semente desenvolveu-se, a Misericórdia cresceu e, à custa de Es-

pinho, sem ajudas substanciais de qualquer entidade alheia, a Santa Casa da Misericórdia dotou Espinho de um novo Hospital, que, ainda contando apenas com a dedicação de quantos ali trabalham, se impôs em toda a região.

Não interessa falar aqui de nomes, que muitos foram os que dedicaram à Misericórdia e ao Hospital o melhor do seu esforço. Uns mais, outros menos consoante as possibilidades de inteligência e de tempo, todos eles com igual interesse se misturaram para erguer uma obra que os honra e nos honra e que tornará inesquecíveis muitos nomes que sem esforço cairiam no esquecimento.

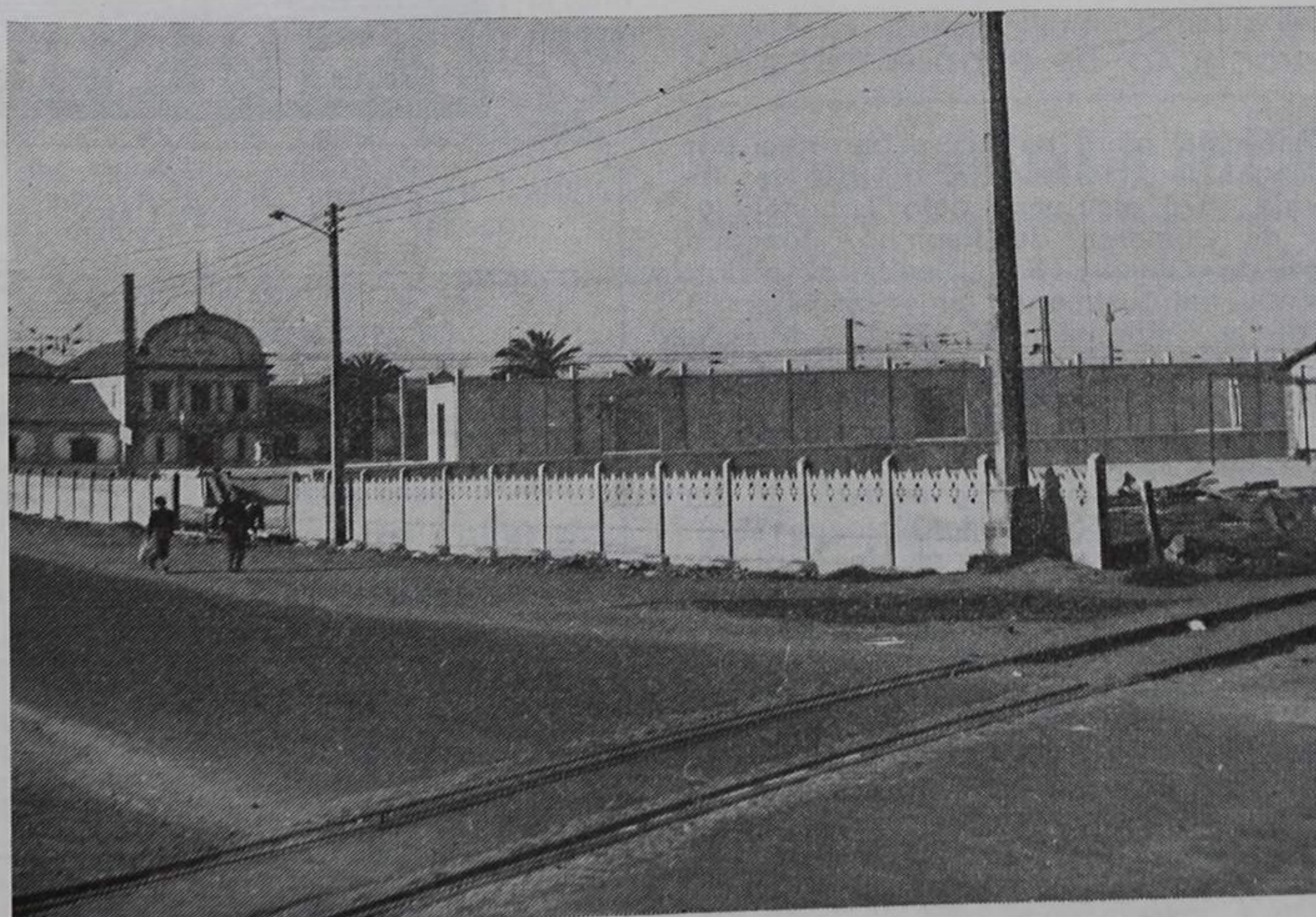
A obra da Misericórdia de Espinho impôs-se em toda a região. E foi com espanto e desânimo que Espinho soube que inexplicavelmente, mercê de manobras pouco compreensíveis, o seu Hospital não passou a Distrital quando outros foram criados no Distrito, e ficava, como diziam os responsáveis de então, à bica para o ser num futuro próximo, que já passou e esquecemos.

Ao que consta, parece que com toda a credibilidade, o Hospital de Espinho vai passar para o Estado, insistindo-se pela nomeação de uma Comissão Instaladora.

(Conclui na pág. 2)

NESTE NÚMERO:

| | |
|---|---------|
| VIDA REGIONAL | Pág. 4 |
| DOSSIER CP | Pág. 6 |
| «ENTRE «ASPAS» | Pág. 7 |
| «O PROBLEMA DA DROGA» — Palestra-Colóquio | Pág. 12 |
| ANTA — Reportagem e Entrevistas | Pág. 12 |



“DE” na Checoslováquia

PREÂMBULO DUMA VIAGEM

Do nosso enviado-especial CARLOS SÁRRIA

Ora, se tudo correr bem, e não houver imprevistos da última hora susceptíveis de travarem a minha deslocação, no momento em que o periódico vos chega às mãos, estarei «no ar», a caminho da Checoslováquia, integrado na caravana voleibolística do Sporting de Espinho, com enviado-especial da «DE», necessariamente para cobrir o acontecimento desportivo, porém, não só.

Claro, a muitos isto vai surgir como um «luxo», capaz até de dar pano para especulações, enquanto outros aceitam o facto como lógico, mas, fundamentalmente, creio, é uma realidade, envolvida num bocado de «atrevidimento», justificada pela importância concreta da deslocação de uma caravana de espinhenses — de uma trintena —, durante cinco dias, em visita a três países do estrangeiro, num dos quais haverá a cumprir uma missão específica, de índole desportiva, com a principal Colectividade da nossa terra a representar o país.

Portanto, no intuito de se registar para a posterioridade esse acontecimento, demais a mais com a novidade dele ter lugar na Checoslová-

(Conclui na pág. 2)

O Patronato de Espinho, é uma obra ainda ignorada, mas da qual, para já, beneficiam 150 crianças! — assevera D. Maria de Lourdes Alves de Sá, Vice-Presidente da Direcção.

Ignorado na sua essência e desenvolvimento pela maioria dos espinhenses, o PATRONATO DE ESPINHO obra de inegável e largo alcance social tem vindo, nos últimos meses, a sofrer valiosa evolução. Hoje, e por enquanto, 150 crianças, com idades compreendidas entre um mês e dez anos, encontram no Patronato Espinhense, os essenciais carinhos, cuidados e atenções, requeridos pela sua fase etária e que os seus pais, em consequência das ocupações profissionais impostas pelos ditames da vida, estão impedidos de

Reportagem-Entrevista

de IOÃO QUINTA

Ihe prestar, como seria natural e desejável.

Com a finalidade de, também, ir dando a conhecer aos nossos Leitores as obras que, em Espinho, se definem pela sua profícua acção social, «DE» achou oportuno visitar o Patronato (com instalações num prédio a fazer esquina nas ruas 18 e 35), para ver e, ainda, para ouvir a D. Maria de Lourdes Alves de Sá, que, na qualidade de vice-presidente da Direcção, teria, necessariamente, algo para contar à nossa reportagem.

★

Posta ao corrente dos nossos propósitos e mesmo antes que lhe fizéssemos qualquer pergunta directa, a nossa interlocutora, adiantou-se e, com inusitado calor, afirmou:

Lá no fundo, a resolução de um antiquíssimo «bico-de-obra» do nosso burgo: o substituto moderno do velho «barracão» da C.P., que durou uma eternidade! Cá na frente, um antiquíssimo perigo contra a integridade física dos cidadãos, peões ou automobilistas: a célebre passagem de nível do «vouguinha». Uma questão que urge solucionar!

— Agradecemos, naturalmente, a visita e a oportunidade para, através do Jornal da nossa cidade, podermos dar a conhecer, embora de maneira sucinta, o que é, e como está a desempenhar a sua missão, o Patronato de Espinho, obra ainda bastante ignorada no nosso meio. Mas, se assim podemos dizer à população algo sobre a Instituição, o ideal seria que as pessoas nos visitassem para, aqui, poderem avaliar, durante a visita, a alegria e felicidade de todas as crianças que nos estão confiadas. Claro, é óbvio que a Direcção, da qual faço parte, não teve por ora possibilidades de concre-

(Continua na pág. 6)

EDITORIAL

(Conclusão da pág. 1)

Contra isto nada temos a objectar, se o Hospital mantiver e, até, elevar o seu nível, como é justo e imperioso.

Mas, segundo parece, há quem entenda a lei no sentido de se extinguir a Santa Casa da Misericórdia de Espinho e de passar para o Estado todo o seu património.

Neste ponto não estão os espinhenses de acordo, segundo cremos, com as mais sérias razões.

O esforço hercúleo desenvolvido pela nossa Santa Casa da Misericórdia para erguer o Hospital ao nível que ele atingiu, levou-a a concentrar nesse objectivo todos ou quase todos os seus recursos, minimizando outros fins do seu estatuto, que realizaria quando atingido o nível desejado para o Hospital — a assistência à infância e à velhice, especialmente a esta, pois nada existe em Espinho desse género.

Nenhuma entidade poderá dar maiores garantias da realização destes objectivos do que a Santa Casa

da Misericórdia, que mostrou sobejamente do que é capaz.

Se o Estado dotar Espinho de obras sociais de Assistência à infância e à velhice, que proceda como entender.

Se não, que fique com o Hospital, o amplie, o melhore e torne Distrital como o movimento dos seus serviços merece e impõe. Mas que deixe a Misericórdia viver, com todo o seu restante património, para erguer, à custa das dedicações e da bolsa dos espinhenses, obras dignas de Assistência à velhice e à infância, de que o Estado tomará conta depois de essas mesmas obras se imporem por si.

Aqui está um assunto candente. Não soubemos se a Comissão Administrativa da Câmara Municipal teve tempo para olhar para ele numa posição que tomará, pois, que saibamos não tomou nenhuma.

Espinho, terra pacata, onde tudo corre rotineiramente, agitará o problema, se preciso for, e fará o plenário que nunca fez desde o 25 de Abril para encontrar soluções.

AMADEU MORAIS

«DE» NA CHECOSLOVÁQUIA

(Continuação da 1.ª pág.)

quia, país que só há bem pouco se relacionou com o nosso, eis-me a caminho duma viagem que, sob o ponto de vista meramente pessoal, constitui, para mim, motivo de dupla satisfação.

Sem dúvida que, primeiramente, pelo facto de me ser dado registar, com a maior soma de pormenores possíveis, toda a movimentação desportiva e extra-desportiva, da caravana vareira, como também pela circunstância do ensejo de, no aspecto social, poder relatar tudo quanto os meus sentidos conseguem registar, sobre a óptica de uma reportagem de interesse a dar ocasião de se apreciar outras gentes, a sua forma de vivência, as suas reacções humanas, e o seu comportamento social.

Já se sabe que dois dias em Bratislava, um dia em Viena e um outro em Zurique, são escassos para se conhecer um país, ou para se extrair conclusões de base, contudo são suficientes para se poder tirar apontamentos significativos e ilustrados, tudo envolto na seriedade de quem acredita na missão honesta e imparcial da Imprensa, sem especulações de qualquer natureza ou razões subjectivas de qualquer índole. Quantos, depois, lerem os meus escritos no regresso, não esperem senão um trabalho objectivo de apreciação realística perante aquilo que eu vir e ouvir, auxiliado pela máquina fotográfica e gravador. Quantos, depois, pensem minimizar esses relatos, na preocupação de disfarçarem aquilo, ou aqueloutro, que não lhes interessa saber ou no qual não lhes dá jeito acreditar, devem ficar com a certeza antecipada que isso não me apoquentará, pois não entro no campo de fantasias ou demagogias, limitando-me a dar imagens reais e concretas «fotografadas» pelos meus sentidos, proporcionadas por factos ou pessoas, só desmentíveis por quem «in loco» foi igualmente testemunha efectiva.

Esta viagem vai ser uma experiência totalmente nova para mim, quer em si mesma, considerando que farei o meu «baptismo» de voo e de saída do país, como sobre o aspecto jornalístico, e, na calma e realismo com que hoje encaro a vida surge-me como prémio — perdoe-se-me aqui a vaidadezinha — pelo tempo já dedicado à árdua tarefa de colaborar ainda que modestamente, na Imprensa, desde há longos anos. E se uma viagem ao estrangeiro, visitando três países, possibilitando o contacto com pessoas doutros contextos sócio-geográficos — para quem, como eu, adora o entabular de relações humanas —, seria já prémio, para mim surgia como incompleto se, na realidade, não tivesse ocasião de a completar com um trabalho dentro do aspecto jornalístico.

Assim, junto o útil ao agradável, ou o agradável ao agradável, e «DE» terá, julgo que pela primeira vez, um enviado-especial no estrangeiro, acompanhando uma comitiva de trinta espinhenses e a sua embaixada desportiva, que vai, com toda a dignidade, confraternizar através duma competição de nível europeu, mesmo partindo com a certeza de derrota. Esta não interessa, nem está em causa, pois competir em desporto é ganhar e perder, unicamente se impõe o aproveitar do resultado como lição, do contacto como incentivo, do conhecimento directo de quanto, de bom e útil se vir, como factores de valorização, depois de devidamente apreendidos.

Esta viagem poderá ser, quem sabe, o ponto de partida para outras que, um dia, possibilitarão, por qualquer forma, saídas de outros enviados-especiais de «DE» a acompanhar caravanas espinhenses, desportivas ou não, ou visitas a colónias de patrícios nossos, nomeadamente no Brasil ou na Venezuela, onde se radicaram, nunca esquecendo no seu bairrismo acrisolado a terra natal, a ligação invisível com ela, tudo isso possível de proporcionar reportagens de muito interesse, quer para eles, quer para quantos de cá não os esquecem.

Na hora da partida — e na do meu regresso efectivo às colunas não desportivas da «DE», mas isso é assunto para tratar aqui à volta — resta-me esperar ser bem sucedido junto dos leitores e, entretanto, deixo-vos um prognóstico: a caravana espinhense saberá, no plano desportivo e social, deixar bem colocado o seu país e a terra.

C. S.

O problema da droga

(Conclusão da pág. 1)

menor grau de actividade ou impacto, por virtude de razões circunstanciais e dando margem a determinadas «épocas».

Historiou, com pormenor, a acção de muitas e variadas drogas, desde as mais usuais e conhecidas, como a liamba, a marijuana, até ao LSD, e, ainda a morfina cocaína cujo uso leva à degradação física e moral conduzindo, mesmo, a casos fatais ou sem recuperação possível. Não deixou de frisar a demasiada facilidade existente na aquisição de medicamentos onde há, para tratamento clínico, produtos dessa natureza e que, logicamente, as pessoas passaram a usar como «droga», para uma habitude que, até, poderá conduzir, depois, a outros caminhos.

Salientou com evidência a imperiosa necessidade de se mover um combate efectivo e eficaz — que aliás as autoridades já estão a desenvolver — contra a rede de distribuição da «droga», com autênticos «gangs» devidamente estruturados, de organização impecável, penetrante e inteligente, pois na exterminação dessa base de lançamento dos maléficis produtos — negócio de alto coturno, já que uma simples caixa de fósforos pode «passar» 300 contos de LSD — estará uma das soluções mais capazes para o grave problema.

Em contra-partida, manteve a opinião de que, perante os «drogados» não pode existir repressão, como por outro lado também a terapêutica moralizante também não resulta, porquanto o esclarecimento, por meio do diálogo aberto, a terapêutica de grupo, a condução através de processo clínico, são as vias indicadas, na recuperação moral e física dos indivíduos caídos nos tentáculos da «droga».

Historiou os circuitos normais da procedência do produto, as formas da sua comercialização e, também, a sua produção já dentro do país, por organizações interessadas em lucros frutuozos à custa da exploração criminosa dos indivíduos. Referiu que a «droga» não é consequência de um tipo de sociedade, mas que resulta mais numas do que noutras, consoante a facilidade de penetração e a capacidade de repressão aos clãs de passadores, pois em certas sociedades onde não existe, pelo menos com profusão, há outro tipo de viciação, pelos mesmos motivos básicos, como o alcoolismo, por exemplo.

Fez ressaltar as dificuldades existentes, a nível do país, de estruturas indispensáveis para uma cobertura ampla e eficaz na «luta» pela recuperação plena dos muitíssimos que, na actualidade, se dedicam a ingerir ou a fumar «droga», como também notou que o tratamento é algo que, materialmente, se torna incómodo para a maioria das bolsas. Mas, esclareceu que já algo se faz e, através dos serviços de saúde estatais, procura-se acolher e tratar quantos dele se abeiram.

Referiu que o tratamento clínico, só por si, não resolve a questão, porquanto requer o acompanhamento de determinados sectores especializados, como psicólogos, sociólogos, médicos, enfermeiros, assistentes sociais, cabendo também uma ajuda plena de pais, educadores professores, devidamente identificados com a problemática. De resto, citaria, recuperar um indivíduo, para, em seguida, o deixar cair no mesmo tipo de vivência social anterior, quase de certeza o conduzirá, a breve trecho, para o mesmo caminho.

Deu especial relevo à importância de ocupação de tempos livres, através de desporto, cultura, diversão, porquanto essa entrega a tarefas de realização e satisfação pessoal ou distração, acabam por desviar inclinações e frustrações, veiculantes à entrada no mundo da «droga».

Por fim, focou com especial incidência que se deve retirar e evitar o tom escandaloso e alarmista quando se focaliza ou trata este problema, pois é imperioso falar-se claramente, já que a curiosidade desaparece quando há esclarecimento, a contestação não tem lugar se houver o diálogo aberto e elucidativo e o prazer tomará outras formas se para ele forem achadas maneiras racionais e equilibradas de o encontrarem.

Claro que, pela particularização do trabalho do Dr. Jaime Milheiro, pela forma ampla e diversificada que o envolveu, indo até a pormenorização, torna-se impossível, a não ser em síntese, historiá-lo, mas interesse realçar, isso sim, que os presentes apreenderam uma oportuna e lúcida lição sobre um assunto momentoso, escutando com atenção, curiosidade e interesse, o discutido orador, durante a sua explanação longa, contudo penetrante, realista e objectiva.

Depois, foi o diálogo com a plateia, respondendo o Dr. Jaime Milheiro a numerosas perguntas, sendo de destacar as que, com pertinência, apresentou a Associação dos Estudantes do Liceu, tendo, inclusive, um seu jovem representante elucidado os presentes da profícua actividade daquele órgão para, na luta enxada com o intuito de detectar e acabar uma rede de «passadores de droga» (vinda do exterior e envolvendo o Liceu), caçar os traficantes, facto que, mercê de todo o trabalho desenvolvido e elementos recolhidos, está no bom caminho.

Diversas intervenções, houve, conducentes ao esclarecimento de pontos de interesse e, ainda, com o intuito de se saber como será possível encaminhar um combate com formas práticas e efectivas para travar, ou exterminar, este problema social, de enorme e preocupante implicação no meio estudantil.

O Dr. Jaime Milheiro foi respondendo, esclarecendo, alvitando, segundo a sua óptica, valendo-se duma ampa experiência e da sua reconhecida competência, finalizando-se a sessão, de quase três horas, com a certeza de que o problema da droga é complexo e a luta difícil, mas capaz de fortalecer com um assumir frontal de posições, e da congregação geral de esforços, como do apoio das entidades competentes e de todos quantos estão absolutamente conscientes com o perigo que representa para a sociedade, e indivíduos que a integram, no caso específico, a massa estudantil.

C. S.

ANÚNCIO

REVOGAÇÃO DE PROCURAÇÕES

Por este meio se faz saber que por notificação judicial avulsa de 31 de Janeiro de 1976 efectuada pelo Tribunal Judicial da Comarca de Espinho, Joaquim Araújo de Oliveira Faria, solteiro, maior, residente habitualmente em França em 6 Rue de la Sablonnier, n.º 77-100 Meaux, revogou todos os poderes constantes das procurações outorgadas a favor de Joaquim de Oliveira Pinto, casado, residente na cidade de Espinho, na Rua 14, n.º 1076, por instrumentos públicos avulsos de 29 de Agosto de 1972 e 7 de Maio de 1975, ambos do Cartório Notarial de Espinho. Deste modo serão nulos e de nenhum efeito em relação ao mesmo Joaquim Araújo de Oliveira Faria todos os actos e contratos celebrados sem seu nome pelo referido Joaquim de Oliveira Pinto no uso das ditas procurações.

O Advogado,

J. A. Ferreira de Campos
Dulce de Oliveira Campos

Rua 11, 877 — Telefone 922210

Espinho

DEFESA DE ESPINHO

SEMANÁRIO

FUNDADOR

BENJAMIM COSTA DIAS

PROPRIEDADE

EMPES — EMPRESA DE PUBLICIDADE DE ESPINHO, LDA.

Redacção e Administração

RUA 19 — N.º 62

TELEFONE, 921525

AVENÇADO

Composição e Impressão
OFICINAS GRAFICAS DA
CASA NUN'ALVARES
PORTO

ASSIM VAI A CIDADE

«PLACARDS» «DE»

Não tem a nossa cidade uma publicação diária, mas, efectivamente, existe interesse em avisar o público de determinadas notícias, de factos que podem ocorrer quotidianamente, como sejam, nomeadamente, avisos de falecimentos, perdidos e achados, etc., como aquelas dadas através de editais, procedentes de várias entidades.

Existe em Espinho apenas um «placard» para o efeito, precisamente na esquina do «Café Moderno», portanto bem situado, talvez suficiente há uns anos atrás, mas escasso hoje em dia, considerando o desenvolvimento citadino e a des-centralização da vida local.

Numa tentativa de suprir essa falha, «DE» solicitou autorização à Câmara Municipal (que já veio deferida) para mandar colocar «placards» no «Mercado Municipal, (entrada nascente e poente), como ao Pároco de Espinho (também concedida) para fazer à entrada do acesso à Igreja Matriz e, ainda, ao proprietário do edifício dos CTT (igualmente concedida) no sentido duma colocação na parede da-quele.

Assim, os «PLACARDS DE» vão surgir em breve, mas entretanto, já foi também feito, ainda à Câmara Municipal, o pedido para apor um outro na parede fronteiriça à saída poente da passagem subterrânea, local muito transitado por pessoas como se sabe, que aguarda decisão dos Serviços competentes.

A entidade e pessoas que acederam à petição de «DE» o nosso agradecimento, ficando-nos a convicção de que, em face dos locais escolhidos, os «placards» poderão tornar-se úteis na nossa cidade e esse era o objectivo principal.

PELA POLÍCIA

— Na passada segunda-feira (dia 9), foi detida na Feira semanal, CAROLINA DE OLIVEIRA, nascida a 3 de Abril de 1929, doméstica, casada, residente na Praia da Madalena, freguesia de Vilar do Paraíso, concelho de Vila Nova de Gaia, a qual se dedicava na referida feira, ao furto de peças de roupa. A detida foi entregue no Tribunal desta Comarca, juntamente com o respectivo processo e roupas furtadas.

— No dia 10 do corrente mês, apresentou queixa nesta Polícia JORGE MANUEL SILVA PEREIRA, residente em Guimarães, Anta, de lhe terem furtado a sua bicicleta simples, que se encontrava num coberto na Escola Comercial de Espinho.

— No dia 13 do corrente mês e ano, apresentou queixa nesta Polícia o Senhor JOAQUIM ALVES DA SILVA DIAS, residente na freguesia de Santa Maria de Lamas, concelho da Feira, de intruso ou intrusos durante a noite de 12/13, lhe terem assaltado o QUIOSQUE «REIS», donde furtaram dinheiro e tabaco.

COOPERATIVA PARA AS CRIANÇAS INADAPTADAS

Reuniu no passado dia 12, no Salão Nobre da Câmara, a Comissão Promotora de tão necessário empreendimento.

Durante os trabalhos foram apreciados e discutidos vários aspectos implicativos da sua concretização, tendo sido deliberado iniciar a formação legal da Cooperativa, tentar conseguir prédio para a sua instalação e fazer uma campanha para adesão de associados e colaboradores.

CONCERTOS PARA JOVENS

A Orquestra Sinfónica da RTP, levou a efeito no passado dia 11, um concerto para 1800 alunos da Escola Sá Couto. Dirigiu a Orquestra o Maestro Ivo Cruz.

Hoje e amanhã volta a haver Concertos para os alunos do Liceu e da Escola Industrial e Comercial.

A Orquestra da RTP será dirigida pelo maestro José Atalaya.

MOVIMENTO DO PATRONATO DE ESPINHO DE 9 A 16 DE FEVEREIRO

| | |
|--------------------------------------|-----|
| Infantário (De 1 mês aos 2 anos) | 12 |
| Jardim Infância (De 2 aos 6 anos) | 382 |
| Tempos Livres (De 6 aos 12 anos) | 100 |
| Total de Crianças | 494 |
| Sopas | 320 |
| Refeições Completas | 95 |

MOVIMENTO HOSPITALAR DE 9 A 16 DE FEVEREIRO

| | |
|----------------------|-----|
| Internamentos Gerais | 46 |
| Exames Radiográficos | 169 |
| Crianças Nascidas | 23 |

Intervenções Cirúrgicas

| | |
|----------------|----|
| Ortopedia | 3 |
| Cirurgia Geral | 9 |
| Obstetria | 3 |
| Otorrino | 15 |
| Urologia | 3 |

Serviço de Urgência

| | |
|----------|-----|
| Homens | 268 |
| Mulheres | 274 |

Internados entre outros

Maria Graça Pinto Sousa; António Gonçalves Moleiro.

“LEIA E ASSINE A DEFESA”

GUERRA AO LIXO

O esforço de guerra ao lixo engloba todo o cidadão. Está a ser cumprido com determinação pelos serviços camarários. Mas (como há sempre um mas) hoje vimos junto das donas de casa fazer um apelo. Trata-se de providenciarem, dentro da medida do possível, para que os recipientes do lixo sejam colocados, para recolha, de manhã e antes das 8 horas, que é a hora de saída das camionetas e sua tripulação.

É que, sendo colocado para passar a noite ao relento, a canzoada (de rabo e sem rabo) ou a procurar restos de comida ou ao pontapé, espalham o lixo pelos passeios e ruas.

NASCIMENTOS

Em Espinho:

Ilda Maria, filha de José Pinho de Carvalho e de Rosa Maria Pinhal Figueiredo.

Célia Maria, filha de Filipe Dias Vinagre e de Ana Gomes da Conceição.

Carlos Humberto, filho de Humberto Carlos Morais Cruz e de Maria Alice Gomes da Silva Cruz.

Pedro Fernando, filho de Francisco Vieira de Oliveira e de Constança da Silva e Cunha.

CASAMENTOS

Em Espinho:

Joaquim Salvador Rodrigues de Sousa com Maria da Natividade Sampaio de Sousa.

Em Silvalde:

José Manuel Dias de Sá Mendes com Irene Gomes Campos.

FALECIMENTOS

Em Espinho:

Maria Pereira da Rocha, 79 anos, viúva de António Alves da Silva.

Em Guetim:

Augusto Rodrigues de Castro, 89 anos, viúvo de Margarida Ferreira da Silva.

Em Silvalde:

António Teixeira da Rocha, 75 anos, viúvo de Inês Ferreira da Silva.

Fernando dos Santos Ferreira e Silva, casado com D. Vitória Laranjeira, pai de D. Maria Fernanda da Conceição, casada com Rolando da Conceição, proprietário da Farmácia Conceição.

Em Anta:

José da Cruz, 87 anos, viúvo de Ana de Sá Gomes.

★

As famílias enlutadas «DE» apresenta respeitosa condolências.

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPINHO

EDITAL N.º 14/76

ARTUR PEREIRA BARTOLO, Vagante e Vice-Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Concelho de Espinho:

Faço público, que esta Câmara Municipal em sua reunião ordinária de 7 do corrente mês, deliberou abrir concurso para a ocupação e exploração do Pavilhão Municipal número 4 na Avenida 8, destinado à cabine Sonora, no período de 1 de Junho de 1976 a 31 de Maio de 1977.

As condições para este concurso encontram-se patentes na Secretaria Municipal todos os dias úteis, dentro das horas normais de expediente e as propostas terão de ser entregues até às 17 horas e trinta minutos do dia 7 de Março próximo, em envelope fechado e lacrado e com a indicação do concurso a que se destinam, sendo abertas na reunião ordinária seguinte desta Câmara.

E, para constar se passou este e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares de estilo, e publicado no Jornal DEFESA DE ESPINHO.

Espinho, e Paços do Concelho 10 de Fevereiro de 1976.

O Vice-Presidente da Comissão Administrativa,
Artur Pereira Bartolo

CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPINHO

Habilitação de Herdeiros

Certifico, para efeitos de publicação que por escritura de 10 de Fevereiro de 1976, lavrada de folhas 59 a 59 verso do livro de notas para escrituras diversas D-Número 13, deste cartório notarial de Espinho, foi feita a habilitação de herdeiros por óbito de CORÁLIA JORGE DOS SANTOS, solteira, maior, que foi natural da freguesia de Pedroso, concelho de Vila Nova de Gaia, residente nesta cidade de Espinho, na Rua Dezoito, número 440, rés do chão, falecida aos 2 de Julho de 1975.

Mais certifico que, na operada escritura, foi declarada como única herdeira sua irmã Germana MARIA JOSÉ JORGE DOS SANTOS, divorciada, natural desta cidade, freguesia e concelho de Espinho, onde reside na dita Rua Dezoito, número 440, rés do chão.

Está conforme ao original.

Espinho e cartório notarial, 12 de Fevereiro de 1976.

O Ajudante do Cartório,
(José dos Santos Sil)

Defesa de Espinho — N.º 2289 — 20-2-1976

TRIBUNAL DA FAMÍLIA DO PORTO

Anúncio

2.ª Publicação

Acção de Divórcio N.º 633 da 1.ª Sec. Autor — José Ferreira Lopes, Rua dos Moinhos, 391 — Porto.

Ré — Prudência de Oliveira, com último domicílio conhecido em Anta — Espinho.

Fica citada a ré para, no prazo de vinte dias, decorrida a dilação de trinta dias, a contar da última publicação do anúncio contestar, querendo, a acção supracitada, proposta com o fundamento da alínea F) do art.º 1778.º do Código Civil.

Espinho 20 de Janeiro de 1976.

O Juiz Corregedor,
Brochado Brandão

O Escrivão de Direito,
António Nascimento Seixas

Defesa de Espinho — N.º 2285 — 25-1-76

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO A

Sexta-feira — GRANDE FARMÁCIA, Rua 62 n.º 457 — Telef., 920092.

Sábado — FARMÁCIA TEIXEIRA, Rua 19, n.º 46 — Telef., 920352.

Domingo — FARMÁCIA SANTOS, Rua 19, n.º 263 — Telef., 920331.

Segunda-feira — FARMÁCIA PAIVA, Rua 19 n.º 319 — Telef., 920250.

Terça-feira — FARMÁCIA HIGIENE, Rua 19 n.º 393 — Telef., 920320.

Quarta-feira — GRANDE FARMÁCIA, Rua 62 n.º 457 — Telef., 920092.

Quinta-feira — FARMÁCIA TEIXEIRA, Rua 19 n.º 46 — Telef., 920352.

S. PEDRO

Hoje, sexta-feira, dia 20 — ALGUNS CHAMAM-LHE AMOR, com Carol White e Tisa Farrow — Não aconselhável a menores de 18 anos.

Amanhã, sábado, dia 21 — O FACHO E A FLECHA, com Burt Lancaster e Virginia Mayo — Para maiores de 10 anos.

Domingo, dia 22 — A PROFESSORA, com Angel Tompkins e Marlene Schmit — Interdito a menores de 18 anos.

Terça-feira, dia 24 — O SANGUE DOS OUTROS, com Yves Beneyton e Monita Derrieux — Não aconselhável a menores de 18 anos.

Quinta-feira, dia 26 — A BORBOLETA DE SANGUE, com Helmut Berger e Evelyn Stewart — Não aconselhável a menores 18 anos.

CINEMAS

CASINO

Hoje, sexta-feira, dia 20 — O ÚLTIMO BEIJO, com Peter Lee Lawrence e Silvia Dionísio — Para maiores de 18 anos.

Amanhã, sábado, dia 21 — O ÚLTIMO BEIJO.

Domingo, dia 22 — O ÚLTIMO BEIJO.

Segunda-feira, dia 23 — OS GABAROLAS, com Frederic Duru e Edmund Riallard — Para maiores de 13 anos.

Quarta-feira, dia 25 — CONFISSÃO DE UM COMISSÁRIO, com Franco Nero e Martins Balsam — Para maiores de 13 anos.

A RUA

Não são poucas as vezes, nem raras, que nos quedamos absortos, pensamento virado a outro nascente, olhos perdidos no deambular vago de um lume, mãos pendidas em inutilidade completa, passos quedos fundidos ao solo, lábios entreabertos aspirando o galope do sonho, sem que motivação óbvia assim o determine. Este estado de espírito e de corpo leva-nos, qual pena, a paragens desconhecidas, irreais, paradisíacas, onde tudo é bom, humano, gracioso, colorido.

São breves, efémeras, velozes, insubmissos, livres, galopantes, os momentos. Não raras vezes nos acontece este momento.

O meu momento de enleio, de deleite, de sonho, de irreal, também me procura. Nesse momento tenho os pés fundidos ao solo, mas do solo se soltam, qual pétala.

A recolagem é deveras angustiante. O solo é duro, é preciso rasgá-lo, atirar a semente, cuidar a nascente, tratar o fruto, colher a semente, voltar a semear, vergar a coluna vertebral, erguê-la, voltar a ajoelhar, a levantar, como se fora uma picota.

Ele, o solo, nos acolherá, já que do pó viemos.

Não temos outra alternativa. Ao pó voltamos. Mas até lá... quanto menos sulcos tiverem os nossos caminhos, mais suaves teremos os nossos passos...

Dito isto concluímos que se torna necessário, de urgente o sentido será mais próprio, termos as nossas vias, não alcatifadas, não relvadas, não marmoreadas, não envernizadas, mas lisas, limpas e sinalizadas.

Esta trindade-lisas, limpas, sinalizadas — não conhece reino nesta nossa terra.

Vou prender-me ao primeiro termo.

Quem vem pela Rua 23, vindo do centro da Cidade, encontra esta via pavimentada a paralelepípedos na sua quase totalidade, excepto na parte final. Essa ponta final, estrangulada pelas construções existentes, muito discutíveis, é um autêntico desafio à coerência humana. São vezes sem conta aquelas em que a mesma é analisada com saibro. A primeira sa-

raivada lambe o saibro ficando o solo sulcado de veias em todos os sentidos. Perde-se tempo e dinheiro com estas operações. Dá ideia de que essa língua de estrada não pertence ao mesmo povo.

Não me parece que haja em mente demolir prédios para endireitar a Rua. Não me parece que seja cedo para se atentar nesta anomalia.

Temos muitos centos de paralelepípedos junto à mesma via. Basta um pouco de boa vontade, de quem de direito, e resolvia-se, de uma só penada, aquele troço de estrada, que em metros rondará os 50.

E digo de uma só penada, porque ao retirar do terreno os ditos sólidos, ter-se-iam de arrancar as silvas que quase os envolvem.

Assim teríamos dois benefícios. Uma via construída de vez. Um terreno que ficaria limpo.

É preciso que olhemos cá para cima com olhos de futuro. O amanhã da Cidade tem os seus dias cá em cima. Como uma mãe que tem muitos filhos, a nossa Cidade tem de acarinhar todos, mas não deve esquecer aquele que a abrigará na senilidade.

A PARÓQUIA

Casamentos

Dia 31.1.76 — Uniram-se em matrimónio Mário Ferreira de Almeida e Maria da Conceição Dias Mocho.

Dia 7.2.76 — Matrimoniaram-se António August o Alves da Silva e Maria Ernestina Pereira Gonçalves.

Baptizados

Dia 1.2.76 — Susana Maria da Silva e Sá Fernandes, filha de José de Sá Fernandes e de Maria da Silva e Sá Fernandes.

Falecimentos

Dia 1.2.76 — Faleceu Palmira Teixeira, casada com José Ribeiro, filha de Emília Teixeira;

Dia 1.2.76 — Faleceu Ana de Sá Gomes, filha de Manuel Pereira e de Maria de Sá Gomes.

ERRO

COMISSÃO DE PAIS

Em fins do ano lectivo de 1975 foram convidados pelas professoras das Escolas de Silvalde, os pais das crianças, para uma reunião, em conjunto, de forma a explicarem as necessidades mais prementes que existiam nas escolas da freguesia, principalmente na de SILVALDINHO.

Passadas algumas semanas, voltaram a reunir os pais das crianças (pouco mais de uma dezena) e daí se formou uma Comissão, tendo à frente José Salvador R. Silva e Manuel Jorge O. Silva que, com os restantes pais, se lançaram com toda a coragem, e sacrifício, ao solicitado pelas professoras.

Assim, uns dando o seu esforço, buscando nas horas vagas para descanso, trabalhando na limpeza das paredes exteriores e interiores, caian-do-as, pintando caixilhos e portas, remendando soalhos esburacados, construindo, quase de novo, os sanitários que se encontravam em precárias condições (tendo para esses a Câmara dado todo o material necessário ao seu asseio); outros não se poupando a esforços e procurando junto de algumas individualidades da terra arranjar donativos para suavizar, em parte, as despesas mais necessárias. Conseguiram-no junto da autarquia local e da Câmara Municipal, aparecendo algo de bom e proveitoso para as crianças, pois obtiveram a cimentação duma área de 168

metros quadrados e a cobertura a «dexion» e telha transparente, para não tirar a claridade e, assim, as crianças estarem protegidas do tempo invernos, podendo-se recrear à vontade nas horas de intervalo.

Bom trabalho fizeram estes Pais a quem se deve endereçar os parabéns por todo o seu labor e interesse em prol da escola necessária a todos os silvaldenses.

Louve-se tudo isto e esperemos que lhes não falte coragem para seguirem sempre em frente, naquilo que fizerem e quiserão fazer, ainda a bem das crianças de Silvalde e, afinal, de toda a população.

RECENSEAMENTO ELEITORAL

Para o acto eleitoral que se aproxima, já foram escolhidos os representantes que fazem parte da comissão desta freguesia, constituída por:

Joaquim Isolino Bastos Silva Dias, Presidente e os vogais Bernardino Alves Pereira; António Augusto Neves Laranjeira; Alberto Pereira Martins; Fernando Pinhal Galeão; José António Rodrigues Martinho.

Desde o dia 10 do corrente e até 24, estará a Comissão pronta a atender todas as pessoas que desejem recensear-se e esclarecer-se sobre o acto eleitoral.

DATA

CARNAVAL -- 76

- Madeira — 3.840\$00
- Londres — 4.790\$00
- Paris — 4.995\$00
- Algarve — 1.830\$00
- Bragança — 1.030\$00

Partidas do Porto em avião e autocarro com alojamento incluído

Peça já catálogos à:

Agência de Viagens Capotes

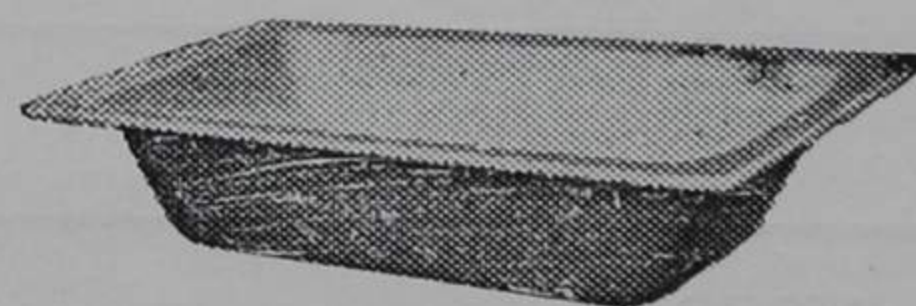
Rua Doze, n.º 628 — ESPINHO — Telef.: 921941 e 921285

LAMENTÁVEL AUSÊNCIA DE CIVISMO E EDUCAÇÃO

Foi no passado dia 9, realizada uma sessão, promovida por um grupo de senhoras, cuja finalidade tinha por objectivo estudar a possibilidade de levar a efeito a criação de um infantário. Abriu a sessão o Senhor Padre Moura, pároco da Freguesia, que depois de alusivo intróito, passou a palavra à Lígia do Carmo Loureiro, da Comissão Promotora, que exprimiu não só a necessidade como utilidade da criação de um infantário, apresentando para o efeito algumas sugestões que motivaram intervenções interessantes em especial a do Senhor Ferino Félix, que, da melhor forma, não só expressou o seu ponto de vista, como deixou campo aberto para que outros se pronunciassem. Não teve a sequência que seria desejável, mas nem por isso deixou de ser oportuna a intervenção dos que se seguiram. Todavia, começou por gerar-se uma certa situação de impasse que impunha o encerramento

da sessão o que no momento próprio foi decidido pelo Rev.mo Padre Moura, que permitiu o agradecimento ao público presente, com perspectiva de nova sessão a realizar «sine die».

O insólito, surgiria já fora do salão, pois ali havia decorrido a sessão, ocasionado por um grupo — sempre o mesmo — que para além de nunca trazerem nada de objectivo, trazem o que têm, intenção provocadora e intuítos agressivos, chegando desta vez ao cúmulo de pretender agredir com cadeado de que vinham munidos, isto, para uma reunião pública onde o assunto a tratar era de crianças. Se não observasse ser-me-ia difícil acreditar, que na minha terra haja seres que de gente só tem a forma. Felizmente, que são poucos, podem redimir-se, ou então, procurarem não contactar com gente de facto. Provocar senhoras e depois sacar de cadeado é que não. Mesmo que a provocação partisse dos outros (que não é o caso) tanto a resposta como as atitudes seriam outras, se de outras se tratasse, claro.

Metalúrgica Record SARL
Fabricante de Banheiras

MOBILIÁRIO METÁLICO PARA
QUARTOS DE BANHO, MÁQUINAS
DE FURAR E TORNOS DE
BANCADA

TELEF.: 23155/6

ARRIFANA — FEIRA

Confeitaria Central

ESMERADO FABRICO DE PASTELARIA ■ VENDAS POR JUNTO E A RETALHO
SALÃO DE CHÁ — MERCEARIA FINA E FRUTAS
JOSÉ TEIXEIRA LOURENÇO

Rua 8 n.º 691 (frente ao Teatro S. Pedro) Telef., 920605
ESPINHO



RESIDÊNCIA

1.ª CLASSE

GIRASSOL

RUA SA DA BANDEIRA, 133
TEL. 21891/2/3 — PORTO, PORTUGAL

Todos os quartos com banho
Todas las habitaciones con baño
Toutes les chambres avec salle de bain
Every room with bath

RESTAURANTE

TELEFONE 27393

MARISCOS — PRATOS REGIONAIS
BACALHAU E TRIPAS A MODA DO PORTO
TODOS OS DIAS — AS 5as E DOMINGOS
FEIJOADA A BRASILEIRA

Cada qual com a sua opinião

Para a secção aberta à participação dos nossos leitores, recebemos, agora, a primeira carta com o pedido de publicação.

Oxalá que o exemplo frutifique, surgindo nesta rubrica opiniões, críticas, sugestões, aplauso, etc., embora as pes-

soas possam, como este nosso leitor, pedir sigilo quanto à devida identificação feita perante a Redacção, que, como se sabe, é condição básica para publicarmos os escritos. De resto, sairão textualmente, apenas com as correcções que se impuserem, no aspecto jornalístico.

ERRADO E PERIGOSO

«Aproveitando as colunas da «DEFESA DE ESPINHO», com uma rubrica posta ao dispor de nós, leitores, quero trazer a público um assunto, na ideia que poderá, assim, chegar ao conhecimento de quem de direito, para uma saudável correcção.

Sou pai de um aluno do nosso Liceu. O meu filho, em determinado dia, tem aulas até às 13,20 horas. Moramos a cerca de 15 minutos do Liceu. Vem almoçar a casa, onde chega pelas 13,40 horas. Depois, segue-se o almoço, no qual dispense 20 minutos e, portanto, a refeição estará terminada pelas 14 horas.

Engolido o almoço, prepara-se para o regresso ao Liceu. Mais 15 minutos de caminhada para lá, chegara pelas 14,15 horas, na melhor das hipóteses. Isto se andar cronometrado e ligeiro. Se tudo for feito muito disciplinarmente e sem imprevistos.

No Liceu, equipa-se, pois tem, às 14,30 horas, uma «tarde desportiva». Exactamente, uma tarde desportiva de duas horas, com o exercício físico consequente. Em cima da refeição, em plena operação digestiva!

Comentários, não me interessa fazer. Chega-me a ilogicidade deste horário. Basta-me a inoportunidade da hora da «tarde desportiva». Inoportunidade só, mas também perigo?

Deixo ficar aqui a minha observação. É um assunto com um filho meu, porém convenço-me que o problema é comum a muitos outros pais e aos seus filhos.

Talvez a recém-criada APELE queira tomar posição. Possivelmente a AELNE também. Ou ainda a Comissão de Gestão do Liceu.

Para mim, julgo que muito interessaria corrigir algo que se apresenta como errado, envolvendo perigo até.»

As obras da defesa da nossa praia

COMUNICAÇÃO AO 1.º CONGRESSO DE ENGENHARIA CIVIL, PELO ENG.º CIVIL DE 1.º CLASSE, FRANCISCO PERDIGÃO, EM 1931

(Continuação do número anterior)

É interessante citar nesta altura um facto que se deu em Maio de 1922. Existe ao norte de Espinho um pequeno ribeiro chamado rio Largo ou rio do Mõcho, que na última parte do seu curso traz uma direcção proximamente normal à costa e assim desagua no mar a uma distância de 400 metros das primeiras casas da povoação. Em virtude da acumulação de areias que naquele ano se produziu junto à sua foz esta obstruiu-se pouco a pouco e o ribeiro começou a correr de norte para sul paralelamente à orla do mar aproveitando um talweg que a duna de areia tinha formado e, depois de passar em frente da parte principal do casario e de atravessar o areal da praia de banhos, foi abrir uma nova saída para o mar, cerca de 1.400 metros ao sul da que tinha antes, em frente ao Bairro da Rainha, perto da fábrica de conservas, manteve-se com este curso até Julho seguinte em que a acção do mar abriu de novo a saída do norte.

Este acontecimento que mesmo isoladamente já merecia interesse torna-se digno de maior menção se o referirmos ao conhecimento que há de que, em época muito anterior às primeiras erosões de que há notícia, existia ao nascente da Capela de Nossa Senhora da Ajuda, um ribeiro que corria de norte para sul. A capela estava situada proximamente no ponto a que já nos referimos e o ribeiro não podia ser outro senão o rio do Mõcho. A repetição deste detalhe da antiga topografia pode ser um indício de que as causas que provocaram o primeiro recuo conhecido do mar se podem reproduzir com os correspondentes efeitos.

Quais são essas causas é o que até hoje se não pode descobrir. A formação dos areinhos (nome local dos bancos de areia), a existência de grotas (canais de grande fundo) entre eles, algumas vezes apontadas como autoras ou colaboradoras das desgraças de Espinho, não são mais, em meu entender, do que efeitos concomitantes com o da corrosão e todos produzidos pelas mesmas causas comuns desconhecidas.

Todavia, a singularidade do fenómeno que se dá em Espinho e se não repete em nenhum outro ponto da costa ocidental da península, pode ter um começo de explicação na sua posição geográfica especial. Com efeito, observando a carta, vê-se que nenhum outro ponto da orla marítima ocidental tem uma coordenada de menor longitude (0º 27' E Lisb.) e que a sua posição é no vértice de um ângulo cujos lados se estendem para N.N.W. até ao cabo Finisterre e para S.S.W. até ao cabo da Roca. Desta circunstância resulta que as correntes marítimas que acompanham o litoral sofrem uma mudança na sua direcção geral de cerca de 25 graus. Esta mudança é bastante para explicar pelas correntes reversas a que dá lugar o depósito do enorme volume de areias que se faz em frente a Espinho, produzindo uma extensa zona de baixos fundos em toda a costa que enfrenta o vértice daquele ângulo. O jogo dessas areias depositadas sobre um fundo de rocha erigido de saiências, sob a acção complexa do vento, da rebentação do mar que se estende a enorme distância da costa em virtude dos baixos fundos, do fluxo e refluxo da maré e das correntes marítimas litorais é que traz como resultado final o açoreamento ou a corrosão da costa.

(Continua)

Principiou a publicar o nosso Jornal, no número anterior, este extenso documento, que pela sua curiosidade, valor e pertinência, merece particular atenção aos espinhenses. Continuaremos, portanto, a dar à estampa, semanalmente, excertos do visado documento.

Tribunal Judicial da Comarca da Feira

ANÚNCIO

Pelo Tribunal Judicial da Comarca da Vila da Feira, primeiro juízo e primeira secção, correm éditos de TRINTA DIAS, contados a partir da publicação do último anúncio, Citando a ré MARIA ELISABETE ALVES QUINTAS, casada, doméstica, com última residência conhecida na Rua 26, n.º 948, da cidade de Espinho e actualmente em parte incerta, para no prazo de vinte dias, posterior àquele dos éditos, contestar, querendo, a acção ordinária para divórcio que à citada move o autor ANTÓNIO DA COSTA BRANDÃO, casado, motorista, residente no lugar da Cruz, freguesia de Santa Maria de Lamas, desta comarca, devendo ainda a referida ré, contestar, querendo, dentro daquele prazo e dilação o pedido de assistência judiciária formulado pelo autor pedindo o mesmo, com fundamento nos factos referidos no artigo 4.º do Dec.-Lei 6/75 e artigos 1792, 1795, 1779 e 1778 alíneas e), f) e h) do Código Civil, que seja decretado o divórcio entre ambos e que, atenta a sua insuficiência económica, lhe seja concedido o benefício de pleitear com total dispensa de preparos e prévio pagamento de custas, devendo ainda a citanda a ser considerada como única e exclusiva culpada e condenada nas custas do processo.

Vila da Feira, 4 de Fevereiro de 1976.

O Juiz de Direito,

(a) Manuel Pereira da Silva

O Escrivão de Direito,

(a) Domingos da Silva Lopes Machado
2289 — Defesa de Espinho — 20-2-1976

— 25 DE ABRIL —

DIA DE PORTUGAL

Feriado obrigatório por força de um Decreto-Lei de meados de 1975, o 25 de Abril passa a ser considerado o «Dia de Portugal», conforme se estabelece num despacho conjunto dos ministros da Administração Interna e do Trabalho e do Secretário de Estado da Administração Pública, já publicado no «Diário do Governo».

Ora, como se sabe, a festa nacional portuguesa era no dia 10 de Junho e comemorava a figura de Camões.

Papelaria Atlântico Norte, L.^{da}

Av. 24 n.º 1013 — Telef. 922776
ESPINHO

(em frente da Feira)

Agente da «Texas Instruments»

Material de Escritório
Livros Escolares

Vende-se

Mobiliária de Sala de Jantar

Preço convidativo

Telefone, 921702

CASA

Pretende-se alugar, em Anta ou Espinho com quarto e sala, de preferência rés-do-chão. Paga-se boa renda

Resposta ao N.º 5

Agressão à saúde pública

Espinho, 7,30 da manhã! Comboio para o Porto. Entra-se na carruagem e depara-se com uma enorme imundície. Lixo. Porcaria. Ali, local destinado a passageiros. A seres humanos. A pessoas que pagam, antecipadamente, para serem bem servidos. E têm aguentado aumentos. A sorrir... amarelo.

No entanto, aquela composição, chegara de véspera. Ao princípio da noite. Para uma linha de arrumo. Ali se quedara. Mas os serviços de limpeza, de higiene, da C. P. não repararam na lixeira. Nem fizeram a limpeza.

E a saúde pública foi, uma vez mais, agredida. Era dia 17 de Fevereiro!

ESPINHO ANTIGO

Assinantes em atraso

Depois de termos enviado mais do que uma vez à cobrança, os recibos em atraso de alguns assinantes da «Defesa» e ainda de os termos avisado por carta a satisfazerem os seus débitos, alguns deles não pagaram nem se dignaram responder-nos, motivo porque, no próximo número impreterivelmente publicaremos uma lista com os nomes desses indivíduos. Entre eles ha alguns que já são considerados como caloteiros, havendo outros de quem tínhamos boa impressão, mas que em face do seu procedimento, figuram muito bem ao lado dos primeiros.

Bem contra a sua vontade, a Administração deste jornal resolveu tomar esta atitude, simplesmente motivada pela falta de brio das pessoas visadas.

Da «Defesa de Espinho» de 10 de Junho de 1933.

Apontamentos do

ALFARRABISTA VARREIRO

- ESTABELECIMENTO DE MÓVEIS E DECORAÇÕES
- ESPECIALIDADES EM MOBÍLIAS DE ESTILO SÉC. XVII



JOSÉ AZEVEDO PERES BIZARRO

Rua 4 n.º 667—Tel. 921324—Espinho

Ferreira de Campos
Dulce de Oliveira Campos

Advogados

Rua 11 n.º 877 — Telef., 922210
ESPINHO

FOTO DIN

Ex-Fotografia Pinho

FAUSTO & LEONEL, LDA.

Reportagens — Estúdio — Fotografia Industrial

Rua 19 n.º 198-2.º — Telef. 922267 — Apartado 124 — ESPINHO

Patronato de Espinho: uma obra!



(Conclusão da 1.ª página)

tizar, como deseja e está nos seus propósitos, os melhoramentos indispensáveis a esta unidade social. O necessário, porém, está feito e contamos, daqui a alguns meses, ter melhorado imenso o conjunto de instalações. Como pode apreciar, esta casa está a justificar alguns pequenos arranjos que, entretanto, o senhorio se prontificou a fazer em breve e, quanto ao equipamento interior, temos para esses algumas verbas que estão para nos ser entregues.

Estávamos, na ocasião de encetarmos a conversa, com a D. Maria de Lourdes, na divisão da casa destinada ao quarto dos bebés. Aqui, 12 berços alinhados, em duas filas de 6, com os seus ocupantes entregues à tranquilidade de um sono, de quem é puro e inocente e dorme de consciência tranquila! Ao lado, o quarto com funções duplas, destinado ao «refeitório» dos bebés, onde lhes é dada a mamada e, também, no qual se faz a muda das fraldas, proporcionando-lhes o conforto que um «xixi» (e não só!) lhes roubou. No sector oposto, deparamos com a sala de recreio, tendo por ali muitos brinquedos para a miudagem (oferta das casas da especialidade) e sobressaindo, colados nas paredes, os primeiros sintomas da vocação para desenho e artes plásticas, daqueles pequenos seres, quando procuram ocupar utilmente os seus tempos livres.

E, em face do que nos ia sendo notado, naturalmente que quisemos saber quais eram as fontes de receita do Patronato:

— Propriamente receitas normais, certas, são as provenientes das mensalidades dos pais que podem pagar, precisamente uma quota mensal de 150\$00 por criança, mas que será de 200\$00 se ela tiver alimentação incluída. Temos, também, cerca de 200 sócios contribuintes, com quotas mensais de 10\$00, desde há dois meses, pois, antes, eram 2\$50! O IFAS — Instituto de Família e Acção Social colabora com uma mensalidade com 3.041\$00, pagando, além disso, os vencimentos da Auxiliar do Jardim, da Educadora de Infância, que está cá desde Outubro passado, e uma Enfermeira, que chegou em Janeiro último altura em que principiou a funcionar a creche. A Junta de Freguesia contribui com 2000\$00 mensais, enquanto as receitas eventuais são escassas, embora a Solverde nos tenha dado 50 contos o ano findo e tenhamos obtido donativos de algumas centenas de escudos, junto dos espinhenses conhecedores desta obra mais de perto.

Passamos, depois, à sala de jantar para crianças, onde se depara com mini-mobiliário, portanto apropriado à estatura dos jovens comensais. Na cozinha, impecavelmente limpa e arrumada, a bateria de tachos e panelas reluzia nas prateleiras, num período de descanso da sua intensa actividade diária. Entretanto, dali saltamos ao antigo jardim daquele prédio, agora transformado num pátio cimentado, onde existe uma pequena ponte que, antigamente, sobrançava um lago que aí havia. As crianças, no seu bulício habitual, por ali sentadas ou a correr, expandiam a sua traquinice, a sua alegria, a irresponsabilidade e inocência de quem dá os primeiros passos para entrar na vida de um «mundo cão». No lado nascente, depara-se com um pavilhão moderno, com trejeitos de ter

É uma obra ainda ignorada, mas cumprindo já uma meritória tarefa social. São grandes as lacunas neste aspecto de adequada protecção às crianças, dos pais que trabalham. O Patronato é um exemplo a exigir que se medite e se preste atenção a um problema social premente.

aparecido muito recentemente. E foi sobre ele que obtivemos o esclarecimento seguinte:

— Este é, de facto, um pavilhão que acabamos de adquirir, pois, como as instalações são exíguas, tivemos de lhe proporcionar, assim, um aumento. Dispendemos 180 contos e, isto, é para já o nosso grande quebra-cabeças, porquanto teremos de o pagar. A Câmara, que tem sido de grande solicitude, já nos concedeu uma verba de 75 contos e aguarda nos mais 35 do Ministério dos Assuntos Sociais, embora este montante se destine ao apetrechamento interior da citada unidade. Entretanto, o nosso presidente da Direcção, sr. Padre Costa, emprestou-nos 50 contos, mas estamos a dever o que falta e isso preocupa-nos, como é natural, impedindo-nos, por outro lado, de, enquanto não satisfizermos o compromisso, arrancarmos com mais iniciativas.



No «Patronato», crianças trepando árvore e «trepando» melhor na vida

Naturalmente que penetramos no nóvel pavilhão, devido em duas salas de estudo, onde há equipamento de emergência, pois ele destina-se e está, mesmo assim e normalmente, ocupado com as crianças que andam na escola. Mas, a propósito do pavilhão, a D. Maria de Lourdes, solicita, fez questão de acrescentar:

— A instalação eléctrica aqui, como os benefícios sofridos pela casa, são da lavra da nossa Câmara, que tudo processou a expensas próprias e, além disso, vai mandar fazer mais dois quartos de banho, porquanto os actuais não chegam e as inscrições de crianças aumentam. Repare que, há três meses, tínhamos 50 e agora são já 150!

Naturalmente, para que aquilo tudo funcione, é imperioso haver pessoal humano e, portanto, foi com essa interrogação que finalizamos a nossa visita-entrevista ao Patronato de Espinho, embora com vontade de, num futuro próximo, lá voltarmos, para análise de outros aspectos e para proporcionarmos uma mais ampla identificação aos espinhenses, sobre este utilíssimo complexo de acção social da cidade.

Uma vez mais, a nossa entrevistada, com entusiasmo, com satisfação, perante

Espectáculo habitual nas passagens de nível da Cidade. Bichas de automóveis à espera de passarem. As campainhas e as luzes vermelhas dos sinais ferroviários no seu cadenciado ritmo de aviso sonoro e visual. O tempo a passar e nada de comboios. Mais carros que chegam e param atrás dos que já estão.

Diariamente a cena repete-se vezes sem conta. Para os automobilistas de todos os dias e que têm que atravessar a via férrea é uma tortura permanente. E quando a demora passa os limites do racional saem dos carros e interpelam as pobres guardas da linha que, na situação presente, não têm culpa nenhuma. Acidentalmente assistimos aos protestos de vários automobilistas na passagem de nível da Rua 33. Ouvimos o Sr. Manuel Alves Pereira, vítima diária do que ele considera incompetência e abuso dos responsáveis:

— Andaram a colocar as cancelas automáticas há já dois anos para nada. Parte um comboio de Esmoriz e fecham as cancelas todas quando só deviam fechar as das Rua 33 e 23. Só quando o comboio chega à estação é que a passagem da Rua 7 devia fechar. O inverso se dá quando os comboios partem da Granja. Devia fechar a Rua 7 e só quando o comboio estivesse na estação fechar estas do Sul. Mas mais grave é o caso dos comboios de mercadorias que estão 20 minutos ou meia hora nas cargas e descargas e as cancelas fechadas. E isto acontece porque o ferroviário que está na estação é responsável pela automati-

zação não é competente para o cargo que desempenha e deve gostar de irritar os automobilistas. Já me incomodei várias vezes por ter ido reclamar à estação e até já me deram voz de prisão. Mas eu não tenho medo. As cancelas fartam-se de estar a tocar o telefone para a estação quando verificam que os comboios que estão parados na estação demoram, mas o tal senhor só atende, normalmente, passados 10 ou 15 minutos, depois da chamada começar a ser feita. Até aqui as cancelas eram responsáveis para arrastar as cancelas antigas. Agora limitam-se a aguardar que o tal senhor ferroviário se resolva. Mas ao fim e ao cabo a culpa é dos Engenheiros que estão em Lisboa nos escritórios em vez de andarem por aí fora a ver como é. Não se admite que a automatização ainda esteja selada e à experiência. Porque em Lisboa não é assim. As cancelas abrem sempre depois de passarem os comboios e fecham à sua aproximação. E isto de 15 em 15 minutos. Isto em Espinho é uma vergonha.

E foi assim, dum fôlego, que o Sr. Manuel Pereira traduziu a sua irritação diária e de muitos meses. E é de facto assim. Insultam-se cancelas que não têm culpa, tocam-se buzinas de automóveis a altas horas da noite, desesperam-se os que necessitam de atravessar a linha férrea nos seus automóveis. E, pelos vistos, só porque o assunto está esquecido dos Snrs. Engenheiros que estão lá por Lisboa...

J. J.

DIESE — Alimentação Racional

AGORA COM AGÊNCIA EM ESPINHO

- Se já inclui no seu sistema alimentar produtos DIESE, visite-nos;
- Se é desportista, compense o seu dispêndio de energia com produtos DIESE;
- Se não tem o peso ideal ou não se sente bem com o sistema alimentar,

CONSULTE a Secção DIESE da PAPELARIA JUCA

de Mário Queiroz — Treinador de Halterofilismo da AAE

Rua 33 n.º 795 — Telefone, 923353 — ESPINHO

e pela obra, respondeu-nos com franqueza, abertura e o desejo evidente de quem, representando ali uma direcção, quer ver, por si e por aquela, a obra singrar, em prol da comunidade onde se inscreve:

— Além das três funcionárias que já referi, temos mais cinco. Uma é cozinheira e as outras quatro são auxiliares para serviços internos. O aumento súbito de crianças, obrigou-nos a contratar mais pessoal, como é lógico, mas, note-se, também a adquirir mais apetrechamento. E, felizmente, que os colchões, pratos, talheres, para os bebés e crianças, foram oferta de fábricas do nosso concelho. Porém da forma que isto vai, e mesmo preocupados com os compromissos, daqui a nada teremos de pensar noutro pavilhão, pois as inscrições de admissão de crianças são muitas, sobretudo desde que começou a constar que são bem tratadas. Sobre este ponto, preocupa-nos o facto de uma uniformização das refeições, por-

quanto, por ora, as crianças que nada pagam, só têm direito à sopa, que aliás é muito boa, porém, de todo em todo, esta diferenciação não devia de existir de forma alguma, mas não temos meios materiais para a suprimir, como se impunha, por agora.

Atrevessamos o pátio, por meio das crianças em bulício, a pensar na sua inocência e nas últimas palavras da nossa interlocutora. Despedimo-nos da nossa entrevistada e da Auxiliar de Jardim, que, também, nos acompanhara na visita, e quando nos preparávamos para sair, a D. Maria de Lourdes, afirmou:

— Diga lá no jornal quanto nós agradecemos que nos visitem, para as pessoas se consciencializarem perante esta obra social e, também, no sentido de verem como, aqui, as crianças se sentem felizes e acarinhadas, mercê da forma como as tratam!

Uma obra indispensável. Incompreensivelmente tantas dificuldades. O esforço de uns tantos, para suprir carências que competem a outras esferas. Está certa a participação das pessoas, na valorização da comunidade. Mas, à partida, não deviam contar, irreversivelmente, com o apoio total das entidades competentes, que, de certo modo, substituem, para se evitar situações delicadas, inibidoras e prejudiciais, numa obra indispensável?

J. J.

ANTA — Reportagem e entrevistas

(Conclusão da pág. 12)

proprietários. Esperamos que, atendendo a que afinal os primeiros beneficiados são eles, não haja qualquer impedimento.

Estamos a pensar no alargamento do cemitério e na construção de uma casa mortuária, mas isso depende de muitas coisas e irá demorar.

Há o problema dos lixos, que poderíamos resolver se a Câmara pudesse, periodicamente, dispensar uma camioneta às Juntas. Os funcionários da Junta limpam as valetas; depois, como não temos meios para o levantar, o entulho volta a espalhar-se, e as pessoas já começam a reclamar.

Mudando de assunto, quisémos saber do apoio que o povo dá à sua Comissão Administrativa.

— É claro que, quando para aqui veio, a Junta foi alcunhada de «comunista» e tentaram lançar desconfiança no povo. No entanto, o povo não se deixou levar. As organizações populares — Comissões de Moradores e Comissões de Pais — têm tido um papel inestimável da descoberta e na solução das necessidades da freguesia. Têm levado a cabo obras como: ampliação de escolas, lavadouros públicos, caminhos, parque desportivo e até uma ponte. Sem esse povo, nada disso teria sido feito.

Isto não quer dizer que os «outros» tenham desistido. Ainda há pouco, num plenário da população, quando propusémos um aumento das covadas — o cemitério é a única fonte de receita da Junta e a Junta paga mais ao coveiro do que aquilo que recebe das covadas — começou logo a arruaça de que a Junta não era legal, não podia fazer isso, enfim... a caravana passa.

Para finalizar a nossa entrevista, abordamos o tema Cultura e Desporto. O panorama de Anta não é dos piores. Disse-ram-nos:

— Anta tem uma única agremiação cultural: a Tuna. Essa importante colectividade dedica-se principalmente à música, mas, ultimamente, têm intenção de alargar a sua actividade dentro do campo cultural.

O Salão Paroquial promove a passagem de filmes que se mostram construtivos e atraentes.

Quanto ao desporto, com a criação do Conselho Desportivo da Freguesia e contando com as instalações do Desportivo da Idanha — as únicas da freguesia — abrem-se algumas perspectivas.

NA ALDEIA NOVA

A grande vontade do povo de Aldeia Nova ficou bem expressa na obra «gigantesca» a que meteu ombros guiada pela sua Comissão de Moradores. Estivemos lá, pisamos a estrada construída, que liga a freguesia de Anta a Oleiros, e ouvimos a história pela boca daquela gente franca:

— Aqui, havia um caminho fundo; nem dava entrada para os terrenos. Ali, casas que não tinham ligação com a freguesia. Os mortos tinham que ir para Oleiros. O povo sentiu a necessidade. Formou-se a Comissão. Fez-se um peditório por todo o lugar e até por fora. Uns deram 50 escudos outros, 2000. Cada um conforme pode.

Metemos mãos à obra. A estrada fez-se. Todos foram beneficiados!

A Comissão de Moradores é constituída pelos srs. José Silva, José Pinheiro, Manuel Natário, Manuel Gonçalves, David Cardoso, Manuel Balada, António Bessa, Avelino Pinheiro e Manuel da Silva. Todos são unânimes em salientar a importância da obra.

— Os proprietários dos terrenos marginais beneficiaram mais do que ninguém. Um terreno que valesse três ou quatro escudos o metro, vale, agora, duzentos ou trezentos. Nem todos, porém, se mostram compreensivos. Houve-os que não deram nada. Há-os que tomam atitudes ostensivas para com a comissão: vedam os terrenos; não deixam cortar uma árvore que está fora do alinhamento, enfim... No entanto, a maioria compre-

deu o seu benefício e não pôs entraves à obra.

— Está aqui muito trabalho nosso. O alvião, a picareta, a enxada, que aqui andaram, pesavam nas nossas mãos. Fizemos tudo o que nos era devido: limpámos o terreno, fizemos o aterro, abrimos o pinhal, construímos a ponte. Agora a distância entre Oleiros e Espinho está tremendamente encurtada (já muitos carros escolhem este caminho apesar de ser de saibro). Cabe à Câmara olhar para isto e completar a obra como lhe compete. Aliás, contactada, a Junta de Oleiros mostrou também grande interesse na obra pelo que se pensa numa acção conjunta das duas autarquias vizinhas, para mandarem alcatroar a estrada.

Ainda faltam, para completar esta obra, um pequeno aterro para suavizar o troço final da estrada, e os respectivos muros de suporte, sobre a ponte. A construção desta ponte que reproduzimos em imagem é, sem dúvida, o acento tónico desta obra. Nela foi um bom par de contos. A maior parte dos cinquenta que rendeu o peditório. E, no entanto:

— Estava para aqui projectada uma ponte que orçava em setecentos contos! Onde íamos nós buscar esse dinheiro! Quando é que a Câmara ia arranjar verba para uma obra dessas? Não desanimámos. Estudámos o problema e, chefiados aqui pelo mestre, construímos «isto» que está para durar o tempo que for preciso.

Visitada a obra, registamos o facto curioso de que, na sua grande parte, a população do lugar é constituída por gente oriunda de Castelo de Paiva, que, em busca de trabalho, encontrou as fábricas do nosso concelho e ali se fixou. Alguns, há para cima de uma dezena de anos. O estilo de vida — extremo apego ao trabalho e à terra — desta gente, leva a uma certa segregação por parte da população local. «Chamam-nos matarruanos». Talvez este facto favoreça a extrema solidariedade que existe entre todos e, pudemos verificar, se alarga a quem com eles conviva. Assim vemos que o problema da habitação, no lugar, é resolvido entre todos, em sistema de auto-construção. Depois do trabalho, aos Domingos, cada um recebe a ajuda dos outros para construir a sua casa.

Perguntámos-lhes o que pensavam de toda uma política que condena o Poder Popular e, em particular as Comissões de Moradores. A resposta foi cristalina:

— Não fazemos mal a ninguém! Ninguém nos pode impedir de ser Comissão de Moradores.

— Foram eleitos?

— Não; agrupámo-nos e fomos aceites por todos!

Indagámos sobre actividades futuras:

— Aqui, há muito terreno «de velho». Anda, por aí, muita gente a pesar ao Estado, sem trabalho. Nós temos que estudar o assunto e organizar as coisas para que essa gente — retornados principalmente — possa vir para aqui trabalhar. Isto é uma zona de dar muita carne e muito leite que fazem falta.

Perante o cepticismo quanto à viabilidade de tal projecção, os nossos interlocutores afixavam-nos que, apesar do abandono dos terrenos, pelas famílias operárias, devido à melhoria de condições de vida nas fábricas, o cultivo da terra é perfeitamente rentável, desde que se façam os devidos emparcelamentos e se criem as infra-estruturas necessárias.

Com a promessa de que o nosso jornal procuraria acompanhar o que neste capítulo fosse feito, deixamos os membros da Comissão de Moradores da Aldeia Nova, nossos companheiros numa manhã de Domingo.

Cumprindo, desde já, um pedido, feito informamos os nossos leitores, que podem consultar a lista do peditório e das despesas desta Comissão nas sedes de Freguesia de Anta e Oleiros.

« ENTRE ASPAS »

«Somos um movimento mais da alma, todo justiça e coragem e sem qualquer tipo de afinidade política. Não podemos fazer greves, não somos capazes de promover manifestações de rua para alterar a ordem pública. Somos indivíduos pacíficos e martirizados antes e depois do 25 de Abril. Evidentemente, mesmo sem querermos prejudicar a Revolução Portuguesa teremos os nossos meios de luta...»

«...Não ir votar se o Governo Provisório não aprovar o nosso caderno reivindicativo...»

FERNANDO ALBERTO PIMENTEL

(Presidente do Executivo da Associação Sindical dos Reformados da Previdência, in «O PAÍS»)

«Sustentamos a tese de que uma aliança entre os Partidos Comunista Português e Socialista se torna essencial para salvaguardar as conquistas da Revolução.

«Propusemos aos dirigentes socialistas um programa de acção comum para fazer frente ao perigo de um regresso ao fascismo e eles não responderam a esta proposta. É necessária uma frente antifascista para derrotar as manobras dos grupos contra-revolucionários.»

JOAQUIM GOMES

(dirigente do PC, in «O DIÁRIO»)

«Tenho para mim que, neste momento, o principal perigo é não ter a consciência de que nos encontramos numa situação económica tão crítica que, a prolongar-se, conduzirá ao vexame nacional.»

«Enquanto persistir a crise económica, não há, por exemplo, solução para o empenhamento no campo da percentagem correcta da população activa.»

«Não há Reforma Agrária sem que os governos se possam debruçar com calma e serenidade nos estudos de planificação e ordenamento do território, na reestruturação fundiária, na produtividade e na utilização e valorização do factor humano.»

«O problema imediato é, portanto, o trabalho, a atitude consciente e serena, o respeito pela lei, sem a qual a democracia não subsiste. Com tudo isto em mente e de acordo com o compromisso assumido perante a população de Beja vou junto deles e o senhor ministro poderá ficar com a certeza de que todos cumpriremos o nosso dever com os olhos postos na Pátria.»

CARVALHO FIGUEIRA

(no acto de posse como novo Governador Civil de Beja)

«Nos conturbados tempos que o nosso país atravessa, as reivindicações são o «pão nosso de cada dia». Toda a gente reivindica isto e aquilo, por tudo e por nada, com e sem razão. E fá-lo quase sempre, não com humildade e respeito, mas com arrogância e soberberia. Não pede para ser atendido nas suas (des)razões — exige. (...) Ameaça também — ora com a greve, ora com outras formas de luta. Das reivindicações mais recentes, chocou imenso a dos empregados da Soda Póvoa — empresa não sei se nacional, se multinacional (não importa). O que toda a gente sabe é que da sua actividade dependia (e depende) cerca de 50 por cento da indústria portuguesa, ameaçada por isso de paralisação se a greve se desencadeasse (...). Será que havia justiça no reivindicar um 15.º mês de ordenado? O que não hão-de reivindicar, então as centenas de milhares de desempregados existentes no país, a maior parte sem ganhar um tostão? E as centenas de milhares de retornados que se viram forçados a regressar à Metrópole, de mãos a abanar?»

A. T. C.

(na coluna dos leitores, in «O COMÉRCIO DO PORTO»)

«A sociedade americana e a sociedade portuguesa não têm, praticamente nada em comum. O que há, sim, é que estarmos a par das experiências realizadas noutros países, no caso concreto os Estados Unidos, no domínio técnico, onde há de facto realizações que de modo algum se podem aplicar ao caso de Portugal, mas onde, como digo, soluções de ordem porventura fornecer ensinamentos que poderemos usar no domínio técnico das nossas realizações. Por outro lado, os Estados Unidos compreendem que nós desejamos, em Portugal, não copiar a sociedade americana, mas sim realizar uma sociedade própria, adaptada à nossa situação histórica e geográfica, o que nada tem a ver com os Estados Unidos. Mas tem havido relações e visitas e viagens de estudo por parte de entidades governamentais portuguesas, não só aos Estados Unidos como a países da Europa Ocidental e da Europa do Leste e até do Norte de África. Portanto, esta é mais uma viagem que se pode englobar dentro desta preocupação nossa de contactar diversos países e apreciar experiências realizadas por cada um desses países.»

ALMEIDA COSTA

(Ministro da Administração Interna, à chegada dos Estados Unidos)

«Mantendo-nos unidos aumentando constantemente a confiança mútua que só se consegue falando de olhos nos olhos, com lealdade, e decidindo, de uma vez por todas, se temos ou não como missão o engrandecimento da Pátria, que o mesmo é a real melhoria, em todos os domínios da qualidade de vida do povo português, defendendo os mais poderosos, sem contudo cairmos na tentação de intervir ditatorialmente ou impor figurinos. Isto é, exigindo a construção, em Portugal, de uma verdadeira sociedade democrática e socialista.»

VASCO LOURENÇO

(Comandante da Região Militar de Lisboa, no Batalhão de Reconhecimento e Transmissões, na Trafaria)

«O País procura um modelo político novo e com ele um projecto nacional exequível, que lhe permita viver ao ritmo dos povos mais evoluídos. Assim será possível ao Exército responder ao desafio histórico que todos enfrentamos, garantindo as condições convencionais indispensáveis à transição pacífica, livre e pluralista da sociedade portuguesa para a democracia e para outras formas de vida política autenticamente superiores.»

RAMALHO EANES

(Chefe do Estado Maior do Exército, no juramento de Bandeira no Regimento de Comandos de Amadora)

Vendem-se andares para habitação

RUA 31, N.º 192

c/ 3 quartos, sala comum, 2 banhos, cozinha, arrumos e garagem

Informa: SOCIEDADE CONSTRUTORA IDEAL DE ESPINHO, LDA.

Ângulo das Ruas 18 e 21 — Telefone 920642

PARAMENSE — Cooperativa Operária de Tapeçarias de Paramos, S. C. A. R. L.

CAPÍTULO I

Denominação, sede, duração e objecto

ARTIGO 1.º

É constituída e rege-se-á pelos presentes estatutos uma cooperação operária de produção, sob a forma de sociedade cooperativa anónima de responsabilidade limitada, que se denominará Paramense — Cooperativa Operária de Tapeçaria de Paramos, S.C.A.R.L., e durará por tempo indeterminado, a contar de hoje.

ARTIGO 2.º

A Cooperativa tem a sua sede em Paramos, com domicílio em Monte, Paramos, Espinho.

§ 1.º A sociedade poderá estabelecer sucursais em quaisquer outras instalações fora da sede, de acordo com as suas necessidades.

§ 2.º Só poderá ser alterado o domicílio da sede social por decisão da assembleia geral.

ARTIGO 3.º

O objecto social é o exercício de actividades relativas a tapeçarias, assim como quaisquer outras que, no seu desenvolvimento, a Cooperativa delibere abarcar.

CAPÍTULO II

Capital e acções

ARTIGO 4.º

O capital social, no valor mínimo de 100\$00, já realizado, é variável, ilimitado e representado por acções nominativas de 100\$00 cada uma.

ARTIGO 5.º

Cada sócio só poderá subscrever uma acção.

CAPÍTULO III

Candidatos a sócios, sócios e relações económicas

ARTIGO 6.º

Considera-se sócio da Cooperativa todo e qualquer indivíduo que, como tal, seja admitido pela assembleia geral.

ARTIGO 7.º

Poderão trabalhar no âmbito da Cooperativa produtores não sócios, que serão considerados a candidatos a sócios, não dispondo de direito a voto em assembleia geral.

§ 1.º Aos candidatos a sócios, do ponto de vista da sua inserção produtiva e económica na Cooperativa, aplicam-se todas as disposições referentes aos sócios.

§ 2.º Nenhum candidato a sócio poderá exercer actividade produtiva na Cooperativa sem se tornar sócio, passado ... de candidatura.

ARTIGO 8.º

O direito de voto em assembleia geral é reservado aos sócios que exercem actividade produtiva na sociedade.

§ 1.º É suspenso o direito de voto em assembleia geral aos sócios que estejam há mais de trinta dias sem actividade produtiva na sociedade.

§ 2.º A actividade produtiva demonstrar-se-á pela existência de créditos provenientes da produção.

ARTIGO 9.º

Os sócios da Cooperativa, na medida em que exerçam actividade produtiva regular na sociedade, não poderão trabalhar em regime livre, ou seja, por sua conta e iniciativa, fora do âmbito da Cooperativa, exceptuados, porém, os empregados em em-

presas públicas ou privadas onde prestam serviços.

§ único. Os sócios com actividade produtiva regular na sociedade obrigam-se a realizar através desta todo o trabalho que possam angariar.

ARTIGO 10.º

Os produtores da Cooperativa, sócios e candidatos, serão creditados pela sua produção nas obras e serviços em que intervierem, na base dos valores remanescentes dessas obras e serviços, uma vez deduzidos os seus custos directos e os custos indirectos estimados.

ARTIGO 11.º

Os critérios de distribuição dos valores remanescentes indicados no artigo anterior serão acordados entre os produtores dessas obras e serviços, entre os elementos de um sector, ou, na ausência de acordo, por decisão da direcção da sociedade ou da assembleia geral.

ARTIGO 12.º

Uma percentagem do créditos provenientes da produção será deslocada para uma conta de fundos sociais (fundo associativo), conta que para efeitos estatísticos terá desdobramento nominativo. Esta conta constitui o suporte de toda a capacidade de investimento e liquidez da sociedade.

§ único. Essa percentagem será fixada em assembleia geral e só poderá ser alterada por decisão da assembleia geral.

ARTIGO 13.º

O remanescente dos créditos provenientes da produção de sócios e candidatos, uma vez cativada a percentagem para fundo associativo, será transferido para contas correntes nominativas de sócios e candidatos.

ARTIGO 14.º

Os levantamentos dos sócios e candidatos, por via da sua produção no âmbito da Cooperativa, processar-se-ão por débito da conta indicada no artigo anterior.

ARTIGO 15.º

Os produtores da Cooperativa eleitos para os corpos gerentes e que nestes, pelas necessidades do conjunto, não possam intervir na produção directa, serão creditados por importâncias equivalentes à média dos créditos dos xx% mais qualificados de todos os produtos directos.

§ único. Essa percentagem x será definida pela assembleia geral.

ARTIGO 16.º

Os produtores da Cooperativa que trabalham nos serviços administrativos ou noutros pontos de apoio indirecto à produção serão creditados por importâncias de que resultem levantamentos cuja relação com os ordenados previstos no contrato colectivo de trabalho para a categoria profissional correspondente respeitem a relação existente entre os levantamentos médios dos produtores directos e os ordenados previstos no contrato colectivo de trabalho da categoria profissional destes.

ARTIGO 17.º

Os sócios e candidatos com actividade produtiva regular na sociedade poderão efectuar levantamentos mensais por débito de conta corrente, na base da média dos créditos mensais disponíveis durante doze meses ou número de meses a acordar.

§ 1.º Resultante do jogo das médias a acumulação de saldos positivos ou negativos na conta corrente, a média aritmética

será afectada por percentagens correctoras.

§ 2.º A direcção da Cooperativa poderá tomar medidas para a suspensão dos levantamentos por média, caso uma baixa de produção avolume um saldo negativo.

ARTIGO 18.º

Os custos directos das obras e serviços, no caso de os consumos de materiais passarem por armazém, serão, caso necessário, arbitrados pela direcção da Cooperativa.

§ 1.º Caso se verifiquem, em armazém, saldos contabilísticos superiores aos de inventário físico, a direcção da Cooperativa poderá mandar debitar o diferencial aos produtores responsáveis por esses armazéns.

ARTIGO 19.º

A Cooperativa terá uma conta de flutuação de custos indirectos da produção.

Esta conta será debitada pelas despesas gerais da Cooperativa e creditada por imputação às obras e serviços, em percentagem igual, incidindo sobre o valor da factura, deduzidos os custos directos. Essa percentagem constituirá uma estimativa de incidência dos custos indirectos nas obras e serviços.

ARTIGO 20.º

Sendo a Paramense uma cooperativa de produção em que a cobertura das despesas gerais e a capacidade de suportar investimentos provêm da produção, tem a direcção da Cooperativa obrigação de zelar para que cada um dos produtores da Cooperativa assegure, com a sua produção, a cobertura dessas despesas e a formação desse suporte. A direcção da Cooperativa deverá, em função das necessidades do conjunto, exigir, como contrapartida do direito de trabalhar no âmbito da Cooperativa, uma quota mínima de produção.

ARTIGO 21.º

Sendo a Paramense uma cooperativa de produtores em regime livre, mas arrastando a produção de cada um consequências sobre o conjunto, deverá a direcção da Cooperativa zelar para que a actuação produtiva de cada um dos elementos não comprometa o conjunto.

§ único. Cada produtor é responsável pelos prejuízos que provoque, em obras, em equipamento, nas instalações. Esses prejuízos poderão ser debitados aos responsáveis.

ARTIGO 22.º

O sócio ou candidato que deseje exonerar-se da sociedade tem direito a fazê-lo, sendo o acerto de contas efectuado em relação ao fim do ano social em que ocorrer essa exoneração.

ARTIGO 23.º

Só a assembleia geral tem poderes para exonerar um sócio ou candidato. A direcção da Cooperativa poderá suspender um sócio ou candidato, mas a decisão de o exonerar terá de ser ratificada em assembleia geral.

ARTIGO 24.º

Ao sócio ou candidato exonerado serão lançados em conta, além de créditos de produção eventualmente ainda não contabilizados:

1.º A sua quota-parte no saldo da conta de flutuação de custos, segundo o balanço do último ano em que desenvolveu actividade produtiva no âmbito da Cooperativa, em função da sua quota-parte no fundo associativo acusado nesse mesmo balanço;

2.º A sua quota-parte nos saldos previstos no § 1.º do artigo 18.º nos armazéns em que seja responsável;

3.º Prejuízos de sua responsabilidade, previstos no § único do artigo 21.º

ARTIGO 25.º

O sócio ou candidato exonerado poderá levantar o saldo a seu favor em conta corrente, uma vez efectuados os lançamentos de regularização previstos no artigo 24.º

§ 1.º A sociedade poderá pagar as verbas indicadas no corpo deste artigo em prestações que não excedam a média mensal dos créditos disponíveis resultantes da produção do sócio exonerado, durante os últimos três anos de actividade de sócio ou candidato.

§ 2.º O sócio ou candidato exonerado cuja conta corrente se apresente devedora poderá pagar esse débito em prestações equivalentes às indicadas no parágrafo anterior.

§ 3.º Cada uma das prestações referidas nos dois parágrafos anteriores terá vencimento, sucessivamente, no último dia dos meses subsequentes à exoneração se tornar efectiva.

ARTIGO 26.º

Uma percentagem dos fundos associativos formados durante o exercício e a totalidade dos fundos associativos dos elementos exonerados reverterão a favor de um organismo representativo de cooperativas de produção em que a Paramense esteja filiada.

§ 1.º Essa percentagem será definida em assembleia geral.

§ 2.º As condições de utilização dos fundos por essa via formados serão ajustadas entre as cooperativas que integrem nos estatutos esta mesma norma de tratamento dos fundos associativos.

CAPÍTULO IV

Administração e fiscalização

ARTIGO 27.º

A administração e representação da sociedade são confiadas a uma direcção, composta por um mínimo de cinco membros, eleita anualmente pela assembleia geral.

§ 1.º A assembleia geral elegerá entre os membros da direcção um presidente ou director-geral.

§ 2.º A direcção reunirá obrigatoriamente uma vez em cada mês e sempre que seja convocada pelo seu presidente que por iniciativa própria, quer a pedido qualquer dos directores ou do conselho fiscal.

§ 3.º As deliberações da direcção só podem ser tomadas com a presença pessoal da maioria dos seus membros.

ARTIGO 28.º

A sociedade fica obrigada pelas assinaturas de dois directores.

§ 1.º A direcção poderá outorgar procuração a qualquer outro sócio.

ARTIGO 29.º

Na ausência de organismo onde a Cooperativa esteja filiada e que detenha a função revisora das contas, a fiscalização da sociedade é confiada a um conselho fiscal, composto por um mínimo de três membros, eleito anualmente pela assembleia geral, com as atribuições legais.

§ único. Este conselho fiscal reunirá, obrigatoriamente, uma vez por trimestre e sempre que o respectivo presidente o convocar, quer por iniciativa própria, quer a pedido dos demais membros, quer a pedido da direcção ou de qualquer dos membros desta.

CAPÍTULO V

Assembleia geral

ARTIGO 30.º

As assembleias gerais realizar-se-ão, normalmente, na sede social ou em local a indicar na convocatória e situado no mesmo concelho. Serão convocadas com a antecedência de quinze dias, devendo mencionar-se o objecto da reunião.

ARTIGO 31.º

A mesa da assembleia geral compõe-se de um presidente e dois secretários, eleitos anualmente.

ARTIGO 32.º

A assembleia geral reunir-se-á ordinariamente uma vez em cada ano, no primeiro trimestre, para apreciação do balanço e contas do exercício anterior, eleição dos corpos gerentes, movimento de sócios e qualquer outro ponto previsto na ordem de trabalhos da convocação.

ARTIGO 33.º

A assembleia geral extraordinária reunir-se-á sempre que a direcção, o conselho fiscal ou, pelos menos, 25% dos associados, com um mínimo de cinco elementos,

(Conclui na pág. 9)

CASA LUCIANA — Boutique

Rua 19 n.º 318 — ESPINHO

Representante em ESPINHO dos Brinquedos «SÓBRINCA» e dos artigos de viagem «TAURO»

Carteiras de Senhora, Sacos de Praia e Viagem,

Calçado, Artigos de Fantasia — NOVIDADES!

Tem a palavra a C.M.E.

HABITAÇÃO

D) CONSTRUÇÃO DE HABITAÇÕES A REALIZAR PELO FUNDO DE FOMENTO HABITAÇÃO

A fim de permitir a intervenção do F. F. H., em Espinho, resolveu a Câmara encarregar a Repartição Técnica de proceder ao estudo dos terrenos que melhor pudessem servir o objectivo pretendido. Do mencionado estudo resultou já o parecer que abaixo se transcreve, referente aos terrenos situados no ângulo das Estrada Nacional 109 e Estrada Municipal de Espinho-Guetim.

PARECER 4458

1.— Pretendendo a Câmara Municipal de Espinho e o Fundo de Fomento de Habitação encarregar a realização de habitações de carácter social, em Espinho, procedeu-se à escolha de terrenos aptos para o efeito, com disponibilidade de ampla área para uma operação imediata e de reserva para a expansão futura. A exposição do terreno e a proximidade de infraestruturas existentes também foram consideradas como condicionamentos fundamentais a respeitar numa primeira análise.

2.— O terreno que a Câmara considera para o efeito situa-se numa «Zona Residencial a Criar» segundo as previsões do Plano Geral de Urbanização de Espinho.

2.1.— A zona tem francas possibilidades, quer para a realização imediata quer de reserva para futura expansão em continuidade com uma primeira fase do empreendimento do F. F. H.

2.2.— O terreno é naturalmente de matas, apresentando uma pendente da ordem dos 3,5%, e sensivelmente exposta ao quadrante sul. A rede de abastecimento de água à cidade — conduta adutora de Vila Nova de Gaia — passa contiguamente aos terrenos, pela E. N. 109 (a ser substituída pela variante prevista pela J. A. E.). A rede de saneamento da cidade situa-se sensivelmente a 400 metros da zona, estando a Câmara a proceder ao estudo do projecto de ampliação da rede já existente. O equipamento escolar primário e liceal situa-se a menos de 500 metros da zona e a cerca de 200 metros situa-se algum comércio quotidiano.

3.— Considerando que a Zona corresponde não só às previsões do Plano de Urbanização mas também poderá beneficiar do apoio de infraestruturas e equipamento existentes, afigurou-se, em consenso com a troca de impressões preliminares junto do F. F. H., que a zona oferecia boas condições para a realização dum programa habitacional, segundo as normas daqueles serviços.

4.— Os Serviços Técnicos da Câmara Municipal de Espinho — em estreita colaboração com o F. F. H. que defeniu as características dos fogos a adoptar — procedeu ao estudo da zona tendo-se considerado uma primeira fase de realização que poderá perfazer cerca de 277 fogos e a proposta de afectação dum zona de reserva para ulterior expansão habitacional. Esta afectação afigura-se de particular importância, embora se trate dum zona ainda bastante virgem, por começar a apresentar os primeiros indícios de degradação com tendência para se agravar. Uma

Agradecimento

A família de Maria da Costa Ferreira, vem agradecer a todas as pessoas que a acompanharam neste doloroso transe, bem como às que assistiram à Missa do 7.º Dia.

J. Pinto Valente

MÉDICO

Com prática dos Hospitais de Paris, doenças das senhoras, clínica geral Avenida 8 n.º 238 — ESPINHO Consultas a partir das 15 horas Marcações pelo telefone, 920183.

DR.ª EMILIA PEDROSA SANTIAGO

Doenças de Senhoras

Largo da Graciosa, 41-1.º

Telef. 921891

ESPINHO

Consultas — Dias úteis das 16 às 19 horas

realização do F. F. H. irá provocar pressões de construção anárquica estranha ao empreendimento, numa zona que não está ainda precavida urbanisticamente. Julga-se por necessário a defesa da zona que confinará com o empreendimento do F. F. H. propondo-se que seja consignado no P. G. U. E. de «Zona Residencial com Espaço Livre». O conjunto do F. F. H. e o zona de ampliação proposta de «Zona Residencial com Espaço Público» deverá ser, quando as circunstâncias o determinarem, motivo dum plano contendo o equipamento adequado.

4.1.— O grupo habitacional a realizar pelo F. F. H. é formado por edifícios de r/c com 2 e 3 andares e caves para aparcamentos de viaturas, arrecadações, logradouros cobertos, etc. O tipo das habitações e percentagens respectivas será sensivelmente de T2, 39% — T3, 42% — T4, 17%. O seu desenvolvimento geral orientar-se-á predominantemente no sentido das curvas de nível. Aparte o caso da rua que se inserirá na E. N. — e que constituirá a espinha dorsal dum conjunto mais amplo, sendo primeiro lançado destinado ao apoio do grupo habitacional do F. F. H. e que deverá prosseguir para estruturar a proposta «Zona Residencial com Espaço Livre» — prevê-se um arruamento de serventia local, que também dará acesso a um pequeno centro comercial e alimentará o conjunto de edifícios, mais a sul, através dum zona em regime misto. Uma zona central destinada exclusivamente a peões caracterizar-se-á pela formação de duas praças nos topos do respectivo conjunto e uma zona de ligação daquelas, fortemente arborizada, formando uma «alameda». Neste espaço central deverá localizar-se um, ou dois, parques infantis. Sem pretender avançar em pormenores ainda prematuros nesta fase do estudo, permitimo-nos admitir como hipótese, de que tal arborização poderá ser formada pela manutenção dos pinheiros existentes e outros a plantar deixando o terreno com o carácter natural. Apenas as praças e circulações de peões seriam em pavimentos duros a definir.

Considera-se de capital importância que haja uma profusa irrigação de percursos de peão, evitando-se «pontos-mortos» nas relações das diferentes partes que constituem o conjunto habitacional em causa.

Julga-se oportuno e pertinente recomendar-se desde já que o mesmo princípio de relação de espaços através dos percursos de peões, venha a ser extensivo aos vários conjuntos a ponderar futuramente.

4.2.— Os índices de ocupação mais características vão indicados no mapa sinóptico anexo e traduzem um equilíbrio entre os diferentes valores referidos a metros quadrados e percentagens por habitante. Os espaços designados de «verdes» não deverão ter qualquer tratamento especial, mantendo-se o terreno sob as copas das árvores existentes a preservar ou de novas espécies a introduzir com o carácter natural.

5.— Os considerandos referidos constituem apenas a definição dum orientação global. Se se pretender levar a bom termo a realização do empreendimento de habitações sociais do F. F. H., afigura-se indispensável que se proceda ao aprofundamento do estudo, começando por se proceder a um levantamento muito rigoroso na escala 1:200 (ou 1:500) com curvas de nível de 0,50 a 0,50 metros. A definição rigorosa dos diferentes níveis para arruamentos, circuitos de peões, praças, escadas, níveis de entradas, etc., torna-se indispensável. Sobre uma base Geral claramente definida poder-se-ão estabelecer com rigor os vários projectos de infraestruturas.

6. — CONCLUSÃO:

a) A zona onde a Câmara e o F. F. H. encaram realizar um conjunto de habitações sociais — que se enquadra nas previsões do Plano Geral de Urbanização de Espinho — oferece apreciáveis condições para o efeito.

b) Dado que o empreendimento em causa irá atrair, sobre as zonas contíguas — ainda sem definição urbanística — solicitações de toda a ordem, propõe-se, com a necessária antecipação, a sua afectação considerando-a «Zona Residencial com Espaço Público», ficando assim mais precavidas da degradação e abertas às possibilidades de, quando for julgado por oportuno, a Câmara proceder à sua implantação.

c) Se a intenção de realização, das habitações sociais vier a confirmar-se, tornar-se-á indispensável elaborar-se um levantamento topográfico que constitua base segura para o desenrolar dos estudos e consequente trabalhos de execução.

Espinho, 21 de Janeiro de 1976.

PARAMENSE

Cooperativa Operária de Tapeçaria de Parámos, S. C. A. R. L.

(Conclusão da pág. 8)

solicitem do presidente a sua convocação, com indicação precisa do objecto da reunião.

§ 1.º Só podem convocar a assembleia geral extraordinária os sócios com direito a voto.

ARTIGO 34.º

Os sócios poderão fazer-se representar por outro sócio junto da assembleia geral, mediante simples carta dirigida ao presidente da mesa.

ARTIGO 35.º

Quando, à hora designada no aviso convocatório, não estiver reunida a maioria do número de sócios com direito a voto, a assembleia funcionará sessenta minutos depois, seja qual for o número de presentes.

CAPÍTULO VI

Dissolução, liquidação e disposições gerais

ARTIGO 36.º

É permitida a reeleição, por uma ou mais vezes, para todos os cargos sociais.

ARTIGO 37.º

Em caso de dissolução, os bens e valores sociais remanescentes da liquidação serão entregues a um organismo que represente cooperativas de produção em que a Paramense esteja filiada, ou, na sua ausência, a cooperativas de produção que respeitem a mesma norma destes estatutos.

§ único. A dissolução não se efectuará desde que dez sócios a isso se oponham e decidam continuar com a Cooperativa.

Precisa-se Casa

Para casal c/ filho adulto até 3.500\$00 em Espinho ou arredores. Contactar com Abreu — Telefone 921752 — Espinho

Brasil e Venezuela

Passagens de avião e navio

Agência de viagens OS CAPOTES

— Rua doze n.º 628 — ESPINHO —
Telef. 921941 e 921285

CALISTA

Consultas em Espinho

9 às 13 horas — 14.30 às 19 horas

Telefone, 923178

Rua 25 n.º 48 — Todos os dias

Terrenos

Vendem-se em lugar bem localizado alguns terrenos com área para

construir bairros

Falar das 13 às 16 horas, pelo telefone 920077

Confeitaria PONTO CHIC

Fabrico diário de toda a variedade de pastelaria — Rissóis variados, pastéis de carne, bola de Vila Real — Todos os Sábados BOLO REI — Especialidades Regionais

Rua 19, N.º 172 — Telef. 922243

ESPINHO

Convocatória

Convocam-se todos os caçadores do concelho a reunirem no próximo dia 21, pelas 21 horas, na Associação Comercial de Espinho, a fim de tratar de assuntos de interesse geral.

A COMISSÃO

AGRADECIMENTO

MARIA AUGUSTA DA SILVA OLIVEIRA

Os familiares agradecem a todas as pessoas que assistiram ao funeral e Missa do 7.º Dia da sua saudosa extinta e bem assim a todos aqueles que de qualquer modo os acompanharam em tão doloroso transe.



José do Couto Soares

(ZECA ROLA)

AGRADECIMENTO

Sua família, muito sensibilizada e reconhecida, vem agradecer por este único meio a todas as pessoas que se incorporaram no funeral ou que de qualquer modo lhe manifestaram o seu pesar, bem como às que assistiram às missas pelo eterno descanso de sua alma.



DESPORTO

(Continuação da pág. 7)

ESPINHO E O MUNICIPAL

desportivas, quando se deslocam ao norte. Espinho passaria a ser um polo de atracção, com benefícios bem percebíveis.

Entretanto, como a Solverde tem consignadas verbas para a construção do estádio — isto segundo os seus compromissos como concessionária do Casino — é esperança que a obra possa arrancar dentro de um futuro próximo, beneficiando, também, de outros apoios comuns na circunstância.

Para já, foi formada a Comissão Promotora do Estádio Municipal de Espinho, composta por Marçal Duarte, Arqto. Jerónimo Reis, Sebastião Prata, Eng.º Arménio Gomes, Dr. Ferreira Campos, João Barbosa, José de Almeida (Jó) e João Quinta, este colaborador principal do nosso Jornal. A Câmara já tem conhecimento dos propósitos da aludida Comissão e, agora, o Arqto. Jerónimo Reis vai apresentar o projecto indispensável, de molde a poder-se arrancar com um empreendimento que, certamente, virá proporcionar uma projecção inigualável ao meio desportivo espinhense, isto sob muitos e variados aspectos.

ASSEMBLEIA-GERAL HOJE NO SP. DE ESPINHO

Precisamente hoje, pelas 21.30 horas, na sede do SCE, vai haver, novamente, uma Assembleia-Geral extraordinária, estando na «ordem de trabalhos» a análise das consequências dos incidentes do encontro com o Gil Vicente, bem como se propõe o encontrar numa plataforma para se resolver da melhor forma o momento de crise aberta no Clube, por aquele caso.

Além disso, por sugestão da Direcção, que foi quem solicitou esta Assembleia, também se apreciará uma possível alteração para o período de mandato directivo, (para se poder levar a cabo todo um trabalho programado) e, portanto, entendem que deverá ser alargado para dois anos.

COLABORADORES

Parece que surtiu algum efeito a nossa primeira chamada a novos colaboradores, como o convite que endereçamos a alguns. Já nos apareceu o «JOTA» que, por ora, pretende escrever sobre pseudónimo. E, embora, colaborador de um grande órgão desportivo, também rubricará outros escritos. Temos a promessa do Carlos Fontes, colaborador do «O Primeiro de Janeiro» e «O Norte Desportivo», portanto que virá a aparecer nestas colunas. Também, o Tibério Coelho, disse que sim, relativamente a uma maior pormenorização, particularmente do voleibol, no tocante a apontamentos sobre jogos.

Entre os novos, surgiu-nos um jovem, desempoeirado, a corresponder ao apelo lançado. Trata-se de Paulo Medeiros, que, para já, rubricará algumas crónicas sobre desporto.

Sinceramente, estamos em fase de renovação, no assentar de directrizes, no impacto numa transmutação com a correspondente lufa-lufa. Aos poucos, sem pararmos, embora parar para recomençar talvez desse outras possibilidades, haveremos de atingir a plataforma desejada, corrigindo defeitos.

Venham mais colaboradores, apareçam as críticas, construtivas, surjam as ideias. Somos abertos a tudo isso.

VETERANOS FUTEBOLISTAS EM ACÇÃO

Vai ser uma realidade o certame futebolístico para veteranos, organizado pelo Futebol Clube do Porto, o qual se disputa em duas séries, de 8 equipas cada, sendo o vencedor galardoado com o troféu, bastante significativo, a que chamaram «As árvores morrem de pé».

O torneio que se iniciará no próximo dia 28, prevendo-se nas regras que vão vigorar a inovação do lançamento pela linha lateral ser efectuado com um pontapé livre, podendo ser ainda experimentadas outras regras.

Entretanto, a equipa veterana do Sporting de Espinho concorrerá ao torneio, na série B, na companhia do Sandinense, Valadares, Progresso, Ovarense, Paredes, Beira Mar e Coimbrões, sendo esta a primeira equipa a defrontar pelos «tigres» e no «Avenida».

Aí está um torneio para se recordar os «bons velhos tempos», que deve ser interpretado como uma confraternização e nunca como competição onde o essencial é ganhar, comportando-se atletas e espectadores fora das boas regras desportivas.

A «TÔMBOLA» EM MARCHA

Iniciativa excelente de uns quantos amigos do Sp. de Espinho, a «tômbola» tem sido, através do labor e sacrifício cêsses, um verdadeiro manancial financeiro para ajudar a actividade do Clube.

Assim, de novo, a «tômbola», cuja organização é, de facto, igual a de muitas empresas e não das mais pequenas, está em marcha, desta feita com o propósito de começar mais cedo, porquanto as finanças clubísticas não andam famosas, demais a mais, agora, com o Clube a ter de «pagar» por aquilo que não fez e cuja responsabilidade é de uns quantos desmentalizados da bola.

Portanto, em breve, os «homens da tômbola», sportinguistas de cêpa, virão para a rua pedir o apoio de comerciantes e industriais que, certamente, como de costume, não lhes será negado, pois, no fundo, destina-se a ajudar uma das representativas Colectividades locais.

VLADIMIRO SELECCIONADOR

Na verdade, Vladimiro Brandão acaba de ser reconduzido no cargo de seleccionador regional de juniores, (que na época passada já desempenhara), pois para tanto foi convidado e indicado pela Associação de Patinagem do Porto.

Portanto, um cargo bem entregue a um desportista espinhense, dados os seus conhecimentos dentro da modalidade.

Centro de Enfermagem de Espinho

Todos os serviços de enfermagem oxigénio, camas articuladas, etc.

Ambulâncias com oxigénio para transporte de doentes

Horário das 9 às 12 e das 14 às 20 h.

Telef. 921587 (das 9 às 20 h.)

Telefone de urgência 922329

Rua 16 n.º 868 — ESPINHO

Dr. Rogério Ribeiro

Médico Especialista de Medicina Física e Reabilitação

Consultórios: Rua 20 N.º 500-1.º
Telefone 921014 — ESPINHO

Rua de Santa Catarina, N.º 778-1.º
Telefone 33868 — PORTO

FÁBRICA HERCULES

de AFONSO HENRIQUES, SUCRS. LDA

INDÚSTRIA
TRANSFORMADORA

MATÉRIAS
PLÁSTICAS

(Injecção — Compressão — Extorsão)
(Insuflação — Rotação — Vácuo)

ENDEREÇO TELEGRÁFICO: HERCULES

TELEFONES: 920540 - 921096

APARTADO: 40

ESPINHO

“HERCULES”

GARANTIA de
FABRICO e QUALIDADE

TIPOGRAFIA — LITOGRAFIA

EMPRESA GRÁFICA DE SEIXEZELO

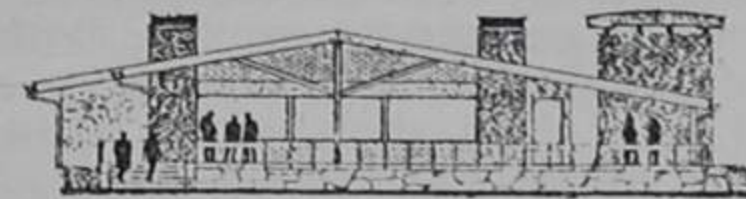
S. Q. R. L.

Fundada em 1960

SEIXEZELO — V. N. DE GAIA

Apartado 13 — Argoncilhe

Telefs.: 964222 - 964847



Restaurante
Snack — Discoteca
CABANA

TEL

CABANA — Sugere aos seus estimados clientes
SNACK-BAR — Pratos do dia económicos

2.ª Feira — Bacalhau à CABANA
4.ª Feira — Chispalhada c/ Feijão Vermelho à Transmontana

5.ª Feira — Frango de Caril à CABANA
6.ª Feira — Peixe à Portuguesa
SÁBADO — Papas de Sarrabulho com Rojões
DOMINGO — Pratos Especiais

TERÇA-FEIRA — DESCANSO DO PESSOAL
— Preços especiais de OUTUBRO a MAIO —
— Aos Domingos — Matinés Dançantes —

MARMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES

de

VITORINO LOPES DA CRUZ

TELEF. 920565 — M.te Lúrio — ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7 N.º 561

ARMAZÉM DE LANIFICIOS

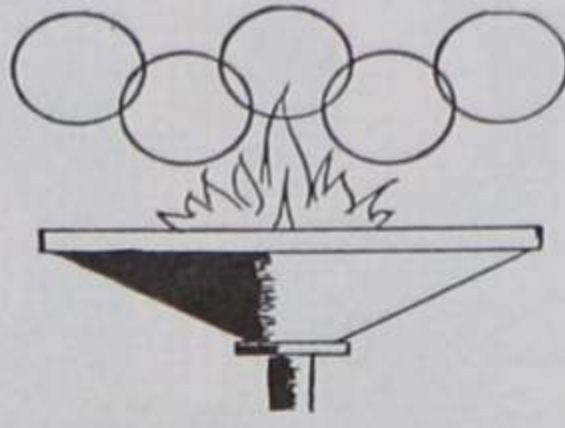
A L I F E X

Ferreira & Oliveira, L.da

ESPINHO

RUA 16 N.º 975 — APARTADO 144 — TELEFONE, 921569

DESporto



Intervalo

Amigo, deu-me conta da existência de vozes discordantes quanto à forma como fiz a crítica dos factos relacionados com o jogo Sporting de Espinho-Gil Vicente e outros pós-encontro, mas, ainda, entrosados nele. Amigo, disse-me nada haver a opor, quanto aos discordantes, sobre a fidelidade e veracidade do relato que fiz, em mais de um periódico, sobre as ocorrências.

Apenas, segundo o meu amigo, essas pessoas entendem que, esse realismo, essa frieza, essa veracidade, poderão prejudicar o Clube, contribuindo como testemunho para não haver complacência quando do possível ou provável castigo.

Respeito as opiniões alheias, mas discordo inteiramente. Sou muito Académica de Espinho. Sou muito Sporting de Espinho. Sou muito Benfica. Acima de tudo, sou muito mais pelo desporto. Pela intransigente disciplina no desporto. Dentro e fora dos recintos.

Depois, se como adepto sou desse jeito, como colaborador da Imprensa pioro. Estou no meu posto para cumprir uma missão. Aí não vejo os meus clubes. Errar, pois erro como qualquer mortal. Aldrabar, não o faço. Dourar a pílula também não e muito menos em questões fulcrais para o desporto, como seja a parte disciplinar. Louvo a disciplina, como o fiz na época passada. Critico asperamente os desmandos, quer sejam no hóquei em patins (na A. A. E. em 1975), no voleibol (S. C. E. em 1975), quer no futebol (recentemente). Proceder doutra maneira, é ser conivente com o vandalismo nos recintos do desporto. É ignorar a verdade. É contribuir para que, um dia, se dê uma tragédia. É deixar deturpar a verdade, a essência, do desporto. Não quero essa responsabilidade.

Disse-me o meu amigo, falando pelos discordantes, que noutros sítios os correspondentes, os colaboradores locais, dos periódicos, procedem da maneira inversa à minha.

Eu procuro copiar os bons exemplos. Os maus não me servem. Lamento — quem agir daquela forma, porquanto contribui, na realidade, para os desmandos nos recintos do desporto. É um incentivo para os vândalos, saberem que as suas selvagens foram relatadas como factos de menos importância, apenas para salvar aparências.

Os clubes são as grandes vítimas, é certo. Mas, com excepção do Belenenses (que há tempos teve a coragem de irradiar um sócio) e apesar dos numerosos casos, ainda nenhum teve a mesma coragem. Os sócios prevaricadores ficam impunes. Portanto, os clubes têm de se defender e, como tal, exijam à autoridade intervenção activa, prisão dos prevaricadores, para serem processados judicialmente pelos prejuízos financeiros e desportivos ocasionados, seguindo-se a sua irradiação.

Porém, por favor, não me peçam que ignore factos de verdadeira gravidade ou doure a pílula, em questões de vandalismo ou selvajaria. Ainda menos que me sirva de exemplos negativos. Era mais fácil convidarem a desistir.

Repito, os clubes são as grandes vítimas. Infelizmente é assim. Sabemo-lo. Pelo menos enquanto não agirem com decisão contra esses indesejáveis dos recintos do desporto que, até para cúmulo são seus sócios e se dizem seus adeptos. O remédio, não está, no ignorância dos factos verídicos pelos cronistas desportivos ou na sua minimização.

Bem pelo contrário!

CARLOS SÁRIA

Voleibol

SP. DE ESPINHO NA CHECOSLOVÁQUIA

Para disputar a segunda mão da primeira eliminatória da «Taça dos Vencedores das Taças», em voleibol, deve ter seguido hoje, pela manhã, rumo à Checoslováquia, a caravana do Sport. de Espinho, composta por 29 pessoas, entre componentes da comitiva oficial, e desportiva, e acompanhantes.

O Eng.º Arménio Gomes, chefiará a comitiva, que integra Carlos Padrão, (técnico), D. Henriqueta Vito, Carlos Ferreira, António Octávio (Toninho) e Carlos Xabregas (dirigentes ligados ao Departamento das Actividades Amadoras) e os atletas Rolando Sousa (capitão), Fernando Tomás, Fernando Correia, José Cadete, Fernando Castro, Alberto Salvador, Rui Azevedo, Luis Resende, Júlio Silva, António Pinto, José Paula e Francisco Pinto, além do nosso colaborador Carlos Sarria, na qualidade de enviado-especial para fazer a reportagem.

Sobre a deslocação, ouvimos, naturalmente, a opinião do Eng.º Arménio Gomes, que nos disse:

— Espero, acima de tudo, com esta deslocação, concretizar uma jornada de camaradagem e aproximação dos povos que os eslovacos iniciaram com a sua vinda a Espinho e que nós completaremos, agora, com todo o gosto. Apraz-nos demonstrar a realidade incontroversa de que o desporto vence, efectivamente, todas as barreiras que possam existir entre os homens, sendo um veículo impar nesse aspecto.

Quanto à parte desportiva, mormente o resultado, isso será de somenos importância, pois, como se constatou cá o voleibol eslovaco está bastante mais adiantado devido a outras possibilidades e, portanto, sabemos que não será viável discutir-lo. Aliás, desde a primeira hora, quando aceitámos a participação nesta competição, os resultados não estavam em causa, mas sim o ensejo de aprendermos, de proporcionarmos um merecido prémio à equipa pela forma como tem vindo a trabalhar esta época, com grande dedicação ao voleibol e a jornada com os eslovacos, cá e lá, será também um incentivo para a rapaziada.

Depois do chefe da comitiva, escutamos um dos mais novos e promissores atletas, precisamente Alberto Salvador:

— Penso que é formidável esta deslocação, como o foi o encontro cá. Em princípio, pensávamos que a diferença era abismal, entre o valor dos dois conjuntos e, portanto, roubaria, desportivamente, qualquer ponta de interesse aos confrontos. No entanto, já verificamos que não é assim e, mesmo considerando a valor dos eslovacos, nós demos réplica condigna e lá, menos inibidos, certamente que poderemos ter o mesmo ou melhor comportamento. Este confronto é um grande incentivo para nós, esta deslocação uma lição da qual extraíremos o melhor e já pensamos em tentar ganhar a nossa «Taça de Portugal» para, na nova época, voltarmos aos utilíssimos contactos internacionais.

QUE SE PASSA NO VOLEIBOL?

Em sequência de incidentes havidos em Lisboa, quando do encontro ali disputado com o Técnico, o atleta espinhense José Cadete acaba de ser punido com três jogos de suspensão, enquanto o técnico Carlos Padrão está a ser alvo de um inquérito a atitudes assumidas. Entretanto, no jogo com o F. C. do Porto, também Rolando Sousa, terá dado motivos a problemas, não se sabendo o que daí possa vir a resultar.

O que se passa no voleibol do Sp. de Espinho?

Assim, por muitas razões que haja, não parece ser o melhor caminho e, de resto, a equipa não se pode dar ao luxo de perder temporariamente elementos indiscutíveis, se pretende, como parece, voltar ao primeiro plano do voleibol português. Ou não será?

Programa da viagem da caravana voleibolística do Sp. de Espinho à checoslováquia

A saída far-se-á hoje, pela manhã do Aeroporto das Pedras Rubras, seguindo a caravana espinhense para Lisboa e, no fim da manhã, até Zurique. Daqui um salto para Viena, com chegada ao fim da tarde, para, depois, se rumar a Bratislava, em autocarro, onde se pernoitará. Sábado e domingo estadia em Bratislava, com visitas e cumprimento do programa social, jogando-se o encontro no domingo pela manhã, às 10 horas de lá, portanto cerca de 9 horas de cá. No dia imediato, saída de autocarro para Viena e permanência na cidade do belo «Danúbio Azul» até ao dia seguinte. Na terça, um salto de avião para Zurique, visita à cidade suíça e regresso, via Lisboa, com chegada ao Porto ao princípio da noite.

Futebol

2.ª Divisão «Nacional» Zona Norte

SP. COVILHÃ, 0 — SP. ESPINHO, 1
(ao intervalo: 0-1)

ATÉ QUE ENFIM!

Jogo no campo José dos Santos Pinto na Covilhã, arbitrado por: Francisco Rodrigues (Leiria).

SP. COVILHÃ — Marcos; Pablito, Cabrita, Baixa e Coimbra; Castro (Simões) e Oscar; Ribeiro (Velho), Faria, Bite e Fazenda.

SP. ESPINHO — Abrantes; Ribeirinho, Washington, Gonçalves e Raul; Gentil (Pinto Ribeiro) e Meireles (Eduardo); Cila, João Carlos, Hélder Ernesto e Malagueta.

Ao intervalo: 0-1. Marcador: Castro (aos 5 m. na própria baliza).

OPINIÃO SOBRE O ENCONTRO

Para dar uma impressão sobre o encontro disputado na Covilhã, auscultamos FERNANDO VICTOR, dirigente do Sp. de Espinho e delegado ao jogo, que nos disse:

— A equipa teve 20 m. de muito ascendente, durante a primeira parte, tendo o gol surgido, na realidade, num momento crucial, pois deu moral à equipa. Eles podem queixar-se de pouca sorte por ser um tempo na própria baliza, mas, ao fim e ao cabo, foi consequência da pressão espinhense. Depois, continuamos a atacar, porém, a partir, então, dos 20 m. houve uma insensível, e não premeditada ou ditada, tendência para segurar o resultado, tendo o Covilhã aproveitado para «carregar» bem. Abrantes teve, mesmo, de evitar o pior. Talvez, em face do desenrolar do encontro, o empate fosse o resultado mais adequado, mas os golos contam e a sorte protege umas vezes e desfavorece outras. A exibição global da equipa foi jeitosa, a arbitragem boa, com o senão de deixar os covilhanenses pisarem o risco e, quanto a mim, Abrantes, Washington, Ribeirinho e Cila, foram os de melhor rendimento. Gentil viu um «amarelo» por jogar a bola com a mão e Cila, um outro, por jogar o esférico sem bota, o que é proibido pelas regras. Resta notar que Telé não pôde alinhar por estar com 38º de febre. Um resultado, agradável, que pode ajudar bastante.

ESTÁDIO MUNICIPAL SERÁ REALIDADE?

Regressa à «ordem do dia» a antiga pretensão dos desportistas locais de verem erguido o estádio municipal, recinto que, pela sua natural polivalência, virá apetrechar muito mais eficazmente o desporto local, possibilitando, concomitantemente, outros horizontes e uma autêntica erupção do meio desportivo espinhense, desde sempre evolutivo e progressivo.

O local — o magnífico local — encaixado na freguesia de Anta, é estupendo e possibilita não só a construção do estádio, como a de um complexo desportivo, onde podem caber piscinas, pavilhões, recintos e, mesmo, um centro de estágio. Esta unidade, quanto a nós, seria magnífica, pois supriria uma necessidade nortenha para a adequada, e mais económica, instalação de embaixadas

(Continua na pág. 10)

“PLACARD” de resultados

VOLEIBOL

«Nacional» da I Divisão (seniores)

SCE, 3 — CDUP, 2
SCE, 2 — F. C. DO PORTO, 3

Juniões («regional»)

AAE, 2 — GUIFÃES, 3
ESMORIZ, 2 — SCE, 3

Juiores («regional»)

ESMORIZ, 3 — SCE, 0

ANDEBOL DE SETE

«Regional» da III Divisão (seniores)

CARVALHOS, 15 — SCE, 21

HÓQUEI EM CAMPO

«Regional» da I Divisão

RAMALDENSE, 4 — AAE, 0 (seniores)
RAMALDENSE, 0 — AAE, 1 (reservas)
AAE, v. — LOUSADA, f. c. (juniores)

HÓQUEI EM PATINS

Iniciados («regional»)

AAE, 2 — CARVALHOS, 5

Infantis («regional»)

AAE (A), 14 — CARVALHOS, 0

Juniões («regional»)

VALONGO, 7 — AAE, 2

Juvenis («regional»)

VALONGO, 5 — AAE, 0

FUTEBOL

Juvenis («regional» da I Divisão)

FEIRENSE, 0 — SCE, 3

Iniciados («regional»)

SCE, 3 — OVARENSE, 0

AO ACASO

Que a prática desportiva ocupa um lugar importante na vida dos povos, é uma verdade incontestável.

Que essa mesma prática tem sido deformada nos seus princípios educativos, em favor de grupos de elite, mais ou menos minoritários e privilegiados, parece não haver dúvidas.

Umavez intencionalmente, outras vezes por força de todo um circunstancialismo inevitável, fomenta-se o elitismo e o privilégio. Manter e apoiar esta situação é um erro que terá de ser combatido.

Argumenta-se que somos um país onde faltam as infra-estruturas. Vai daí, acomodamo-nos, esperando que os outros, sempre os outros, resolvam os problemas.

Se não há estruturas, e não há mesmo, devemos procurar criá-las, dando de nós próprios o máximo possível e exigindo dos outros a sua quota parte, daqueles outros a quem cabe a maior responsabilidade.

Somos daqueles que entendemos que a iniciação desportiva deve ser encarada a sério, começando nas escolas, o lançamento das bases, onde todas as crianças, independentemente do seu nível sócio-económico, tenham iguais possibilidades.

Porém, e aqui reside a razão principal deste nosso comentário, para que o trabalho em profundidade resulte, é necessário que os outros, os tais outros que têm mais responsabilidade, colaborem na criação das condições indispensáveis, sem o que tudo será em vão.

De que forma?

Pois bem, cabe à Direcção-Geral do Ensino Básico apoiar, dentre outras formas, com o material didático necessário à prática desportiva. E deve fazê-lo.

Contudo, sabemos que a distribuição desse material nem sempre é feita criteriosamente. Há Centros desportivos onde nada falta. E o mais grave, é que na maioria dos casos, não é convenientemente utilizado.

Outras zonas, com maiores necessidades, e onde até a afluência de praticantes é grande, continuam eternamente esquecidos.

Por mais que bradem, ninguém os ouve.

Querem um exemplo?

Aqui bem perto, existe um Centro repleto de bom material Tabelas de basquete, redes de voleibol, bolas, etc. À frente desse Centro, estão professores não habilitados (um dia abordaremos o tema dos não habilitados). Pois durante todo o ano esse material não tem sido utilizado. Aqueles professores nem sabem para que serve «aquilo»... Como podem pedir material todos os anos, o ano findo requisitaram à Direcção-Geral do Ensino Básico, sacos para guardar aquelas coisas «inúteis»! Imagine-se.

Bem perto daqui, ainda, e pertencendo ao mesmo distrito, mas como já não é um Centro, fartam-se de pedir material a quem de direito, mas não conseguiram fazer-se ouvir. Como é isto?

Quem disse que os privilégios e as elites acabaram?

JOTA

NO LICEU NACIONAL DE ESPINHO

«O PROBLEMA DA DROGA»

Numa palestra-colóquio do Dr. Jaime Milheiro

A «APELE» — Associação de Pais ou Encarregados de Educação do Liceu Nacional de Espinho, nável órgão inserto naquele estabelecimento de ensino, encetou a concretização do seu amplo e ambicioso programa de trabalhos com a realização de uma palestra-colóquio sobre o instante e preocupante problema da «droga». Conduziu o evento o distinto psiquiatra, DR. JAIME MILHEIRO, ante uma plateia de, quase, quatrocentas pessoas — com muitos jovens alunos presentes —, vivamente interessada e, depois, razoavelmente participativa, que encheu o «polivalente» do Liceu.

As palavras apropriadas sobre a realização da palestra-colóquio, couberam ao Dr. Mário Jorge Vaz, como porta-voz da «APELE», para, depois, o Dr. Jaime Milheiro apresentar, de forma clara, directa e informal, a sua comunicação relativamente ao vasto e complexo problema social da «droga», cujas implicações se sentem localmente, mesmo no âmbito estudantil. Na realidade o distinto orador, focou os factores determinantes que estarão, realmente, no fulcro do uso tão divulgado da «droga», citando, como exemplo, a procura do prazer, a curiosidade natural pela inovação, a preocupação de se escapar às tensões da vida hodierna, a forma de contestação que encerra como protesto, directo ou subjectivo contra formas de sociedade e de vivência. Depois, também fez a interligação da problemática da droga relativamente ao próprio contexto familiar e social, apontando motivações básicas que, de facto, se prendem com o começo do seu uso, frisando que a questão não é, apenas, de hoje mas de tempos imemoriais, tomando maior ou

(Continua na pág. 2)

ANTA — Reportagem e Entrevista

Este trabalho foi realizado pela anterior equipa redactorial de «DE», e é publicado na íntegra, como não podia deixar de ser, num jornal aberto como o nosso, por solicitação da Junta de Freguesia e com a anuência daquela equipa.

NA JUNTA DE FREGUESIA

A Comissão Administrativa da Junta de Freguesia de Anta, como acontece com as de outras freguesias contactadas, não conta, para o seu funcionamento, apenas com os elementos que estritamente a compõem. Assim, além do Presidente, Sr. Fernando Carmo Fernandes, do Secretário, Sr. José Pinto Coelho e do Tesoureiro, Sr. Humberto Alves Pereira, têm participado activamente nos trabalhos da administração, os Srs. Manuel de Sá e Alberto Oliveira Santos, que tem como cargos oficiais, respectivamente, o de escrivão e o de Regedor da Freguesia. Foram estes elementos, com excepção do Tesoureiro, que nos deram conta do que tem sido a actividade da C. A. da Junta e da forma como estão a ser encarados os principais problemas da freguesia.

Começamos por abordar a questão da formação da C. A., já que, como se vê noutros lados, poderia estar aí a raiz de alguns problemas. Contaram-nos:

— Com o mudar da situação, no 25 de Abril, sentiu-se que, também em Anta teriam de haver mudanças. Tudo se fez por meios democráticos. Convocou-se, com panfletos e altifalantes, com bastante antecedência, uma reunião do povo. Nessa reunião, com a presença de representantes do M.F.A. e da C.M.E., apresentamos a nossa lista que foi votada por quase unanimidade.

No plano das realizações não se tem feito coisa de aparato. Avultam pequenas

realizações das que o povo tanto sente. Citam-nos:

— Resolveu-se o problema da água, no Cemitério, com a instalação de um sistema automático. Também no Cemitério, ficou resolvido o problema de horário com o recrutamento de um novo funcionário.

Apoiou-se a iniciativa popular, onde ela tem contribuído para melhorar a situação da freguesia.

Além disso, introduziram-se modificações no funcionamento da Junta de forma a melhor servir o povo. Com a nossa presença aqui, o povo passou a frequentar uma casa que é sua. Temos expediente aberto às terças e quintas. Quem quer vem aqui tratar dos seus assuntos, coisa que antigamente não acontecia.

O sistema de contabilidade também foi modificado: o anterior não era facilmente legível pelo público. Nós contamos neste trabalho com a ajuda do Sr. Miguel, tesoureiro da C.M.E. Agora, todos podem verificar as contas da freguesia.

Sobre projectos foi-nos dito:

— Com as verbas que temos, em pouco mais podemos pensar do que na abertura de alguns caminhos. O carácter provisório da nossa estadia não leva, por outro lado, a pensar em projectos a longo prazo. Presentemente, a próxima obra será a abertura de um caminho na fronteira com a freguesia de Silvalde, e isso está apenas, dependente do acordo de alguns

(Conclui na página 7)



Elementos da Comissão de Moradores da Aldeia Nova testemunham à nossa reportagem a solidez da sua obra

Comissão de Turismo

ESPINHO

SEMANÁRIO
AVENCADO